

ficar perto da gente, querendo ficar aqui. Então isso faz criar aquela amizade. Na rua, se a gente encontra com eles, vem abraçar a gente, conversa com a gente. Então isso é a melhor recompensa que tem. E é isso que a gente está sentindo no nosso trabalho.

M Quantos anos tem esse Projeto?

I Esse projeto tem bastante tempo. Deve ter uns 10 anos. Mas só que de 8 anos para cá que ele começou mesmo, a colocar mesmo naquele objetivo que é atender crianças carentes mesmo.

M Quem é a figura, na Cidade D. Bosco, que leva para frente todo o ideal do trabalho?

I Olha, é o Pe. Ernesto, que é o fundador. Tem outros salesianos que colaboram também, mas a figura dele é tudo aqui na Cidade Dom Bosco. Ele que faz esta coisa movimentar, incentivar, é a alma da Cidade D. Bosco.

M Agradeço pela conversa, pelas informações, com certeza irão ser uma contribuição importante para o nosso trabalho.

I Obrigado. Eu fico agradecida de poder mostrar um pouco o nosso trabalho. Muitas vezes só aparece coisa ruim, o rádio e a TV só mostram isso. Mas tem muita gente fazendo coisa bonita por aí. A gente aqui em Corumbá, está também fazendo uma coisa boa para estas crianças.

M Tinha esquecido de perguntar. Como é estar nessa Cidade de fronteira, tem influência de outro país?

I Como crianças da Bolívia, não. Quem influí mais são os grandes que vem da Bolívia. Se os nossos meninos, os meninos que estão com a gente aqui, se a gente não tivesse aberto esta porta para eles ficarem aqui o dia inteiro, eu tenho certeza que a metade da criançada estaria na rua, fazendo coisas que prejudicam a sociedade. Os maiores é que são o perigo para as crianças aqui na fronteira. Eles é que viciam os pequenos e os colocam no mercado da droga, do vício e da violência.

M Tem muita influência da cultura boliviana aqui?

I Isso tem. Tem bastante, porque é uma cidade vizinha, a Puerto Soares. Diariamente a gente está em contato com eles.

M Que coisas da cultura mais estão presentes na vida?

I Seria a música, a dança, a maneira de vestir, de falar estes são os aspectos da cultura que mais atinge o povo de Corumbá. A Rádio também, é um instrumento que divulgou muito esta cultura aqui na Cidade e interior de Corumbá.

M Um grande abraço para vocês, um bom trabalho. Eu li a biografia de Dom Bosco e a gente sente, como a Cidade Dom Bosco está próxima ao ideal.

I É uma das escolas salesianas que mais vive, que mais está perto e se identifica com o trabalho que Dom Bosco fazia naquela época. A gente não quer desvalorizar as outras, mas, eu também conheço outros trabalhos da Missão Salesiana, mas eu acho que esse aqui é aquele que mais se aproxima do trabalho e do espírito de D. Bosco.

M Muito obrigado. Tudo de bom para vocês.

I Obrigado. Igualmente.

## JULIANA TANZIM PEREIRA

Secretária do Centro Profissional da Cidade D. Bosco. Aconselhamento e disciplina no Centro Profissional Italiana a serviço da Cidade de Dom Bosco

M Conte um pouco a sua experiência, a sua vinda da Itália para cá. Como você se envolveu com esse trabalho?

Jul Eu vim em 1969 com a operação Mato Grosso. Um grupo de jovens que trabalhavam na Itália. Nasceu a idéia de vim para cá, pela visita de um padre salesiano, daqui, o Pe. Pedro, que conversando com Dom Hugo, também salesiano, mostraram que aqui estava precisando de jovens que ajudassem não só financeiramente, como também com trabalho. Os jovens aceitaram este desafio e já em 1967 veio a primeira turma. Eu conheci a operação Mato Grosso, em 1968. Ali, logo me envolvi, achei maravilhoso, mesmo porque eu fazia anos que estava a fim de ir para alguma missão ajudar.

M Na Itália você se formou em quê? Como foi sua formação lá?

Jul Eu fiz o 1º grau, que lá é até a 5ª série. Depois tem 3 anos de Escola Média, e depois eu fiz um curso de Secretariado. Lá eu comecei a trabalhar.

M Vocês vieram diretamente para Corumbá?

Jul Nós viemos para ajudar especificamente a Cidade Dom Bosco. O Pe. Ernesto tinha pedido ajuda para a construção do pavilhão das salas de aula. Éramos só sete moças, o resto, tudo rapazes. Se não me engano, 23 a 24 rapazes. Nós trabalhamos mais na parte social, visita às famílias, conhecer um pouco a realidade. Trabalhar com as crianças. Além do trabalho de casa. O que eu não fazia na Itália, eu vim fazer no Brasil: comida, limpeza, etc... Eu me envolvi mais. Lá na Itália eu sempre trabalhei com Paróquia, com crianças, jovens. Trabalhávamos bastante na Cidade de Arezzo, a 20 minutos de Milão.

Aqui me envolvi demais na Cidade Dom Bosco, porque muita criança, no ano de 1969 ainda era começo e a gente via as necessidades que tinha.

M O trabalho na Cidade Dom Bosco começou em 1961, uma coisa assim?

Jul Em 1961, sim. Quando nós chegamos só tinha aquele pavilhão ali na Rua Dom Aquino. As aulas eram ministradas no corredor. Tinha as salas de aula, uma perto da outra... Tinha problemas de luz, fazia-se aula com vela, uma coisa impressionante. Não tinha Igreja. A Missa era rezada no pátio. Cheio, cheio, cheio de gente. Muita gente, muitas famílias, muitas crianças. À noite era muito adulto que vinha estudar. No 1º pavilhão, também funcionava o Centro de Saúde, só que era à cargo da Cidade Dom Bosco.

M E como adquiriam os remédios?

Jul Nós viemos da Itália com muitas caixas. Com remédio bastante. E na nossa turma tinha uma enfermeira especializada e tomou conta do Centro de Saúde D. Bosco, um ano direto.

Depois, vieram mais três (3) turmas da operação Mato Grosso, ali parece que foi sugerido para a Prefeitura continuar, porque não tinha condição, para a Cidade Dom Bosco continuar.

M Este trabalho de Centro Profissional como ele surgiu? Foi uma doação da casa ou já existia antes?

Jul Não. No projeto inicial do Pe. Ernesto já tinha projeto de formação profissional. Mas na falta de recursos, de pessoal, de uma série de coisas, não tinha sido concluído. Quando veio o Pe. Giovanni, me parece que o Pe. Giovanni encontrou, não sei bem aonde, em Cuiabá talvez, o Ângelo, que é outro voluntário italiano que está ali. Não estava casado, e começaram a conversar sobre um trabalho profissionalizante para jovens. Mas não tinha nada definido. E, de repente, o Pe. Giovanni foi mandado para cá, para tomar conta da Cidade Dom Bosco, no ano

de 1987 a 1988. Aí, ele lembrou do Ângelo, que a essa altura ele estava casado com a Juliana, outra voluntária que estava em Poxoréu. Entraram em contato, desenvolveram este projeto da "Escola Profissionalizante". Mas aí, precisava os recursos. Eles foram buscar na Europa. Vieram da Alemanha, da Espanha e outra parte da Itália. Aí, com estes recursos começaram a construção e desenvolver o projeto.

O Centro Profissional, tem bastante cursos a serem desenvolvidos.

M Tem oficinas já funcionando?

Jul Estão funcionando: serralheria e marcenaria o ano passado (1993). Este ano (1994) começou também a confecção para as meninas (corte e costura). Todos os cursos são de três anos, com parte teórica e prática. 60% é prática e 40% teoria.

M É totalmente gratuito para os participantes?

Jul Sim. Totalmente gratuito. Não paga nada. Inclusive eles recebem todo o material, uniforme, material escolar, material de ferramentas, não pagam nada. Até 1993, recebiam também uma merenda. Depois acabou a verba e não se pode mais dar também a alimentação.

M E essas pessoas normalmente encontram depois espaço para o trabalho no mercado?

Jul Ainda não acabou o curso. Começou o ano passado (1993) só o ano que vem (1995) é que vai sair a primeira turma. Então aí nós teríamos que ver. Porque o objetivo era o seguinte: 1º colocar gente no mercado de trabalho; 2º favorecer a formação de pequenas empresas, tipo cooperativas dos próprios alunos; 3º aproveitar os melhores, os que tem mais aptidão, no próprio Centro Profissional, como futuros instrutores.

M Essa inspiração das Escolas Profissionais vem de onde? É uma opção do Pe. Ernesto, uma opção da organização interna aqui ou é a justificada no próprio fundador D. Bosco?

Jul Eu diria que são as duas coisas.

O fundador Dom Bosco começou praticamente com essas crianças, fazendo trabalhar, porque precisavam de um retomo rápido, de uma profissão para poderem se manter. Naqueles anos difíceis da Itália. E aqui, praticamente, nós estamos no mesmo nível. Então é uma necessidade. O jovem necessita aprender uma profissão não no nível técnico, porque demora mais, já envolve um certo grau de estudo, mas no nível prático. Sai daqui como profissional. Diferente do que, quanto aprende numa oficina, numa carpintaria, aprende, mas de outra maneira. É só o ofício que ele aprende. Aqui a gente se preocupa, além de aprender a profissão é da melhor forma humana. Forma o homem no verdadeiro sentido da pobreza. O homem completo. A formação integral.

M E vocês encontram apoio da comunidade de Corumbá ou a colaboração vem mais de fora?

Jul BOM, até agora, a colaboração veio mais de fora. Eu não sei se foi falta de interesse da comunidade daqui ou não foi divulgado. Esse ponto eu não sei. Quem idealizou foi o Pe. Giovanni junto com o Pe. Ernesto. Talvez o Ângelo poderia esclarecer este aspecto.

M Existe um preconceito cultural, de que o povo brasileiro é preguiçoso, de que o povo brasileiro ou descendente de índio é preguiçoso, no sentido de que não se afoita muito ao trabalho, como nós de origem italiana e de outras pessoas que tem outro tipo de cultura. Como você sente este aspecto? Há resistência ao trabalho ou não?

Jul Bem. Eu colocaria sob outro aspecto. À primeira vista, a pessoa que vem de fora, acha que é isto: Preguiça. Eu, depois de 25 anos que estou aqui convivendo com esse pessoal, eu diria que não é isso. A maioria deste povo é muito pobre. Eu já não chamo de pobre, mas miseráveis. Então, eles tem que sobreviver. Desde o momento que eles tem para comer hoje,

estão satisfeitos. Já não se preocupam com o amanhã. Amanhã eu vou ver o que vou fazer. Então vivem praticamente o dia. Tem uma mentalidade totalmente diferente da nossa. "A cada dia mais preocupações". Porque esquentar a cabeça hoje, se amanhã vou ter que esquentar de novo?

M Faz parte um pouco da cultura indígena?

Jul Eu diria que sim. Aqui tem muita mistura de raças. Então a gente nota, por exemplo no Sul do Brasil, onde já tem os grupos poloneses, italianos, alemães, japoneses, etc., então a mentalidade é outra. Eles conseguem até se desenvolver melhor, porque eles tem uma certa tradição de trabalho, muitas coisas. Aqui em Corumbá, praticamente é uma mistura de raças incríveis. Muitos índios, muitos bolivianos, paraguaios, italianos, portugueses, espanhóis, etc., etc. Eu não sou muito entendida no assunto, mas pela experiência, eu acho que isso também influi demais.

M A gente sabe que o sistema capitalista, que vivemos aqui no Brasil, você que conhece um sistema um pouco diferente na Itália, que é menos selvagem que o nosso, você não acha que esse trabalho aqui ele se torna quase inútil, ou infrutífero, porque na medida em que você resolve o problema de 2 ou 3, se multiplicam milhares de pessoas marginalizadas, que voltam de novo a esta situação de pobreza, de miséria, de marginalização, de subemprego... E mesmo os que sabem trabalhar, mesmo como diploma às vezes não conseguem um lugar. Você não acha que a instituição deveria se envolver também na mudança das causas estruturais da problemática social?

Jul Eu acho que se cada um pensar: Eu não vou conseguir mudar o mundo então não vou fazer nada, então fica cada vez pior. Agora, o que eu acho, esse é o meu ponto de vista pessoal. Eu acho que a instituição, como a Igreja em geral, não deveria se envolver politicamente. No sentido político partidário eu estou falando. Agora, que ela não pode se omitir do ponto de vista geral da política. Porque se você está ensinando aos jovens, à criança, escolher as coisas, mostrar como são as coisas, eu acho que isso é uma coisa que você tem que fazer, não pode se omitir. Se você se omitir, você estará deixando de lado uma coisa muito importante. O educando não vai saber o que é certo, o que é errado. Eu acho que não podemos nos omitir mesmo, de formar consciência. Agora é claro que não vamos conseguir mudar uma situação como está no dia de hoje. Tem dias que a gente fica desesperada. Eu por exemplo estou trabalhando também com pessoas, mendigos que vem pedir, famílias que vem suplicar ajuda. Tem dias que eu fico com raiva, tem dias que eu fico desesperada. Então, não pode se deixar levar, nem por uma, nem por outra, é preciso ter esperança, no nosso pequeno dia-a-dia, tentar melhorar o que a gente pode.

M Para finalizar, Juliana, você poderia dizer o que você acha do Brasil, de Corumbá, do MS. Você tem esperança que este Brasil pode um dia melhorar?

Jul Eu gosto demais do Brasil e de Corumbá, demais. Me apaixonei à primeira vista. Vi Corumbá, e em particular a Cidade Dom Bosco. Esta obra, como obra me apaixonou desde o começo.

Então, sobre o Brasil, eu acho que não estou repetindo o que todo mundo fala, mas o que eu penso: é uma potência. Falta só acordar, desenvolver. A nível de MS também eu acho que por ser um Estado Novo, tem tudo para se desenvolver da melhor maneira possível. Já sobre Corumbá é um pouco mais complicado, no sentido, que tem uma posição geográfica privilegiada, do lado da natureza, mas está distanciada dos centros de desenvolvimentos do

restante do Brasil, mas sempre tem que ter esperança. Sou bastante otimista agora com esse ZPE, Gás boliviano quem sabe que chegou a vez de Corumbá.

M Tem algum fato, nestes 25 anos que marcou profundamente sua vida?

Jul A gente passa muitos momentos que marcam. Ver jovens que passam por nós, e hoje são mães, são pais e conhecer as famílias, as dificuldades. Acho que a coisa mais interessante é ver um aluno da Cidade Dom Bosco, realizado, feliz. Isso é o que marca e me dá forças para continuar a acreditar.

Outra coisa que me deixa muito gratificada é ver jovens que eram muito pobres quando crianças, não recebia nada da família, mas que conseguiram com a ajuda da Cidade Dom Bosco, superar isto e agora estão vivendo dignamente. Não quero dizer que sejam ricos, mas na pobreza deles já é mais uma pobreza digna. Não é mais aquela miserável, em que a pessoa renega tudo, se esquece de tudo.

M Juliana, muito obrigado pela acolhida e atenção.

Jul Muito obrigado você, por esta oportunidade.

**PROFA. ILMA RODRIGUES DOS SANTOS**

Cidade Dom Bosco - Prof. Estadual

Função: Professora de Pré-Escola Especialista

Coordenação - Função Atual.

M Como funcionam os turnos escolares na Cidade D. Bosco?

I Na parte da manhã (matutino) nós temos cinco salas de Pré-Escola, sendo quatro salas de 6 anos e uma sala com crianças de 4 anos. Temos alunos do Projeto D. Bosco, com 2 salas de 1<sup>a</sup> série e uma de terceira. Também funcionam 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série e 2<sup>º</sup> grau. À noite funcionam 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> e 2<sup>º</sup> grau. No vespertino temos 3 salas de Pré-Escola e as outras salas de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série.

M Os alunos de noturno são trabalhadores?

I A maioria são trabalhadores.

M Como está a rentabilidade deles? Conseguem ir pra frente ou tem muita dificuldade?

I Eles apresentam muito dificuldade e existe uma diferença grande de aproveitamento entre o pessoal do matutino e do noturno.

M E o corpo docente, você acha que estão engajados, mesmo sendo professores estaduais, do espírito do Projeto D. Bosco?

I Olha, u acredito que sim. Eu percebo que os professores, estão engajados na filosofia salesiana e são muito esforçados e atenciosos com as crianças e adolescente.

M Tem algum deles que é ex-aluno?

I A maioria é ex-aluno. Na sua maioria são indicação do Pe. Ernesto, e fazem aquela opção de trabalhar com aquele espírito de D. Bosco, felizes por estarem aqui como professores.

M Os alunos aqui, não pagam nenhuma mensalidade?

I Existe um conhecimento de uma contribuição. A partir daí a gente vê. Mas não são obrigados a pagar não. Esse dinheiro é revertido na aquisição de material escolar e até remédios, pois os alunos são carentes de tudo. Mas é uma contribuição simbólica e não obrigatória. Tem pois que a gente sabe, não tem condição nenhuma de pagar o “combinado”. A gente entrega boletins, tudo o que precisarem.

M Os livros, os alunos tem que comprar ou a escola fornece para estudarem?

I O Estado este ano, atendeu só a turma da 1<sup>a</sup> Série à 4<sup>a</sup> Série. Da 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> os alunos tem que comprar. Mas os professores vão “relevando”, pois nem todos podem comprar.

M O que é diferente nesta escola, sendo ligada ao Projeto da Cidade Dom Bosco é ao mesmo tempo sendo Estadual?

I De diferente, no currículo é só a parte religiosa; que na Escola Estadual é optativa e ocorrência, aqui é obrigatória e católica. Além disso, tem uma parte de formação, tipo manhãs, tardes ou dias de formação, que estão à cargo do Pe. Ernesto. Já faz parte do calendário de ensino da escola.

M Ilma, obrigado pela sua colaboração.

I Foi um prazer. Fico contente se ajudei em alguma coisa. Felicidades para o Sr.

### JOILSON SILVA DA CRUZ

Professor de Ensino Religioso de 2<sup>a</sup> Grau

Assessor da Pastoral da Juventude Estudantil aqui dentro da Cidade D. Bosco

M Eu sei, que um dos aspectos importantes da obra de D. Bosco, junto com a educação, é também passar a questão da espiritualidade, do Evangelho, da proposta de Jesus de Nazaré, como vocês conseguem este trabalho?

JO Nós temos aqui aulas de Ensino Religioso e também temos manhãs, tardes e noites de formação com os alunos. E através destas aulas de formação, a gente procura mostrar todo o sistema preventivo de D. Bosco, também auxiliando os jovens na questão política, sócio-económica do país também. Então um trabalho amplo da pastoral aqui dentro, para uma pastoral orgânica, e a gente procura dentro destas horas de formação levar todo este ensinamento de Dom Bosco e a espiritualidade salesiana.

M E vocês conseguem, com este trabalho atingir às famílias dos educandos?

JO Conseguimos, porque há muitos problemas, principalmente aqui, a classe média baixa e baixa, procura estar sempre em contato com a família, para que possa caminhar junto, tem que ter uma auxílio, uma ajuda da família. A gente faz este tipo de trabalho sim.

M O Ensino Religioso, ele é baseado em quê? como ele é preparado?

JO O programa de ensino religioso é preparado da seguinte forma. Nós nos reunimos em Campo Grande. E ali, são distribuídos várias apostilas, vários itinerários de educação à fé. Então através destas apostilas a gente começa o trabalho de ensino religioso dentro das escolas.

M E os dias de formação, como eles são? Organizados, onde acontecem?

JO São dentro do calendário escolar. Eles tem uma aula por semana, desta formação. Fora a aula de ensino religioso dentro da sala. Eles vão para a sala para assistir vídeo, palestras e debates com convidados. Então eles tem uma hora aula dentro do calendário normal de aula.

M Dom Bosco encontrava, muita dificuldade, muita resistência por parte dos jovens na aceitação da dimensão da fé, de tal forma que às vezes ele tinha que apelar para outros mecanismos para conseguir passar esta mensagem. Vocês encontram resistência... tem outras religiões aqui no meio ou vocês consideram que o trabalho penetra com relativa facilidade?

JO O trabalho segue normalmente. Tem outras religiões no meio, sim, mas isso não impede. Eles acompanham também a gente. Se poderia dizer, que é um trabalho ecumênico.

M Dom Bosco, não achava oportuno destacar a dimensão política da fé e os salesianos, me parece, se caracterizam por isso, como vocês conseguem conjugar tanta problemática social que vocês enfrentam aqui: da pobreza, da fome, da marginalização, subemprego... Como leva a frente esta dimensão na Pastoral?

JO Com sinceridade, a gente não vai muito a fundo nesta área política não. Fazemos um trabalho por cima, porque nós salesianos, não temos uma opção política, e também não é dado muito espaço, não por não quererem, mas para não deixar muito dúvida. Em muitos assuntos, preferem nem tocar.

Tem muita ajuda, muito benfeiteiros, a Cidade de D. Bosco, através do Pe. Ernesto, vem muita ajuda de fora, como aqui das autoridades vem muita ajuda.

M Você como pessoa humana, como se sente aqui dentro?

JO Me sinto muito feliz no meu trabalho, gosto muito. Gosto muito deste trabalho de pastoral, dos jovens, das crianças. E para mim, é a luz que brilhou na minha vida. Foi Deus que me mandou isso.

M Obrigado, valeu!

JO Obrigado. Felicidades.

## ENTREVISTA COM PESSOAS DA COMUNIDADE QUE ACOMPANHARAM MAIS DE PERTO O TRABALHO DA MISSÃO SALESIANA EM CORUMBÁ

### DR. VALMIR BATISTA CORREA

Professor e Pesquisador da UFMS

16.09.1995 - CEUC - CORUMBÁ

- M Na sua opinião, como morador de Corumbá, quais foram as contribuições que os salesianos deram à Corumbá?
- V A primeira, sem dúvida, é a educação. Eu acho que é um marco na história. Andei pesquisando a um tempo atrás o arquivo da Câmara Municipal, e acompanhei os primeiros tempos, pela documentação que existe na Câmara, inclusive a construção do primeiro colégio, com a subscrição popular. Eu acredito que houve um salto qualitativo, pois, naquele tempo, só havia umas escolas apenas de formação, a maioria delas com professores militares ou algumas senhoras que davam aulas, mas sem formação mais curricular. E, a partir deste Colégio Salesiano, deu uma alternativa para os jovens daqui de Corumbá. Os jovens que tinham mais poder aquisitivo ou iam estudar no Liceu Cuiabano, ou iam para o Rio de Janeiro, que era uma outra rota de estudo. Mas o grosso da população, os filhos da população pobre, militares, etc, ficavam estudando aqui. Então a alternativa foi o Colégio Santa Teresa, inclusive que se primou como de qualidade. Era um ensino de qualidade e se tornou um referencial de educação para toda esta faixa de fronteira. Houve, é evidente, uma formação, porque – veja bem – no começo, neste período da formação do Colégio Santa Teresa, nós encontramos documentos em que ficavam preocupados se o ensino fosse em língua portuguesa, porque aqui o grosso da população era de estrangeiros. Então a gente vê algumas petições na Câmara, reclamando a necessidade do ensino do português aqui, porque as crianças só falavam língua estrangeira: espanhol, italiano principalmente ... e não tinha o português. Aqui era uma região quase de característica internacional mesmo. A questão do ensino sempre foi uma necessidade importantíssima.
- M A vinda dos salesianos em 1899 foi de fato significativa?
- Não tenha dúvida, principalmente pela opção salesiana, na forma de ensinar, o tipo de atendimento. A preocupação com o jovem etc. Eu tenho acompanhado mais por documentação.
- M Poderíamos dizer que a elite de Corumbá, depois da vinda dos salesianos, teve uma base de formação salesiana, principalmente no 1º grau? Poderíamos dizer que eles são responsáveis pela formação da elite de Corumbá?
- V Sim. Veja bem: no momento que o colégio criava as alternativas necessárias da educação formal inicial, não havia mais a necessidade de se utilizar o Liceu Cuiabano ou Rio de Janeiro ou aquelas escolas improvisadas na cidade. A primeira alternativa, inclusive da elite, de fazendeiros, de filhos de comerciantes, de militares ... passa a ser o Santa Teresa. Só depois vão aos grandes centros, principalmente o Rio de Janeiro. Praticamente todos os filhos da elite, principalmente comerciantes e fazendeiros, tem como base de educação a formação salesiana. Tem muita ligação.
- M A história relata que houve aqui resistência de um grupo de maçons, chamados pelos salesianos de anti-clericais. Você tem conhecimento deste fato? Como está a maçonaria

- em Corumbá. Ela de fato trás este traço histórico, tem tradição de ser anticlerical? O que você conhece disso?
- V Corumbá é uma coisa curiosa. Eu entendo que a maçonaria foi muito forte aqui; no final e após a guerra com o Paraguai aparece com mais clareza. Durante os primeiros anos do século XX, realmente, houve uma cisão muito interessante que é a SSH, que é uma geração mais de jovens, com uma vertente mais assistencial e é evidente que estas instituições sofrem uma repressão na época do governo de Getúlio Vargas. Foram proibidas. Tanto é que não é mais SSH (Sociedade Secreta) mas seleta sociedade. Se você vê os políticos da República Velha, havia, inclusive aqui em Corumbá, vinculações muito fortes com a maçonaria. Realmente eles tem um peso muito grande. Hoje eu entendo que a maçonaria perdeu muito da sua característica, mas preserva suas relações de compromisso, suas relações políticas. Não vejo externar hoje uma tendência anticlerical dos maçons, mas eles mantém nos seus quadros toda a figura que sobressai em Corumbá. É uma prática constante dos maçons aqui. Professores, políticos, comerciantes, passam por este tipo de convite. Eu entendo que haja esta articulação a nível político.
- M Houve respeito pela cultura local, da fronteira, por parte dos salesianos, ou impuseram uma cultura européia, católica, cristã, etc. Respeitaram os traços culturais daqui, se adequaram, ou impuseram uma cultura de fora?
- V Os salesianos, na minha avaliação, eles forma adequando-se à situação local. Veja bem: eles chegara num momento em que não havia propriamente uma cultura corumbaense. Era uma sociedade em formação pós-guerra, ainda em formação. Muito marcada pela interferência estrangeira. A característica internacional de Corumbá é muito forte. A cultura local vai se formando depois. A formação da cultura passa pela cultura corumbaense dos salesianos, eles caminharam juntos na formação da cultura local. Eles chegaram no momento também como estrangeiros. Eles foram formando já no século XX um caudal de cultura fronteira, moldando-se nas necessidades locais, nesse "isolamento" que existia, etc.
- Veja bem que a estrada de ferro Noroeste chega em Porto Esperança em 1914. De 1914 a 1954, a ligação com a Noroeste é feita por navio do Porto. Só em 1954, foi inaugurada a estrada de ferro aqui em Corumbá. E a partir daí começa a Comissão Mista Brasil-Bolívia. É neste momento que vem um grande fluxo de bolivianos, e coincide já com a criação da Cidade Dom Bosco.
- A Comissão Mista Brasil-Bolívia vai abrir um canal de vinda de famílias bolivianas, para trabalhar na ferrovia ou como alternativa de trabalhar em Corumbá.
- Hoje tem muitas pessoas que trabalharam na comissão Mista, na construção da Estrada de Ferro (Corumbá a Santa Cruz de la Sierra), que trabalharam, por exemplo, na construção da Cidade Dom Bosco. Como pedreiros, serventes, voluntários, etc.
- Esta população boliviana se localizava ou na parte alta da cidade ou se localizava neste trecho chamado antigamente Cidade Jardim, hoje, Bairro Dom Bosco.
- Então você vê, que esta questão está muito ligada.
- M Qual é a relação política dos salesianos em Corumbá? São da situação ou da oposição? Qual é a dos salesianos politicamente?
- V Eu não conheço os salesianos como oposição. Eu sempre vi os salesianos como um setor da Igreja, sem uma atuação mais consciente ou então à favor da situação. De qualquer

maneira, os salesianos, até onde eu conheço, sempre trabalharam em consonância com o Estado. Eles dependem muito do Estado. Suas relações são relações até comerciais, financeiras pois a educação praticamente não consegue sobreviver sem o aval do Estado. Você vê desde o início da fundação do Colégio, tem que ter o aval do Estado, ou da Câmara Municipal na época.

A atuação dos salesianos do Santa Teresa é distinto da atuação do Pe. Saksida, na Cidade Dom Bosco. Os salesianos do Santa Teresa têm uma relação formal com o Estado, através da manutenção do Colégio Santa Teresa.

Não vejo nenhuma participação dos salesianos do Santa Teresa na luta popular. Não vejo, não existe, pelo contrário, as vezes há até um freiozinho nas lutas populares. Já o Saksida, ele tem uma visão política, que me parece que os outros não têm. A visão política é que precisa estar de bem com o governo, para conquistar benefícios para a Cidade Dom Bosco. Ele tem esta perspectiva; é um projeto de vida dele. Eu não vejo que faça isso como um benefício pessoal. As coisas que ele pede é em benefício da comunidade. Tanto é que a Cidade Dom Bosco é um referencial, hoje, no mundo inteiro. E como ele conseguir isso? Evidentemente não brigando com o Estado. E como ele representa uma força política extraordinária na Cidade e, em especial, na cidade Dom Bosco, pois para onde pende o Pe. Ernesto ele elege vereadores, ele tem uma força muito grande de apoio político. Ele é uma pessoa cortejada pelos políticos, tanto de situação como de oposição. Tem um respeito de todos. E ele consegue através disso alguns canais de negociação com o Estado, até com o Governo Federal que canalizam recursos e verbas para a Cidade Dom Bosco. Com uma outra postura não conseguiria. Se tivesse uma postura de independência ou oposição, teria muito mais dificuldades em levar o projeto dele avante.

M  
V A formação política dos educandos do colégio Santa Teresa poderia ser definida como? Não vejo lá formação política. Acho que é um grande pecado do Santa Teresa. Eu acho que poderia trabalhar mais politicamente esta geração. Uma geração fantástica. E eles também tinham uma vertente que poderia ser útil, que era a associação dos ex-alunos do Santa Teresa, que por irrupções internas foi desestimulada e acabou essa associação. Mas acho que seria um potencial político extraordinário, porque por ali passaram figuras exponenciais da política: vereadores, candidatos à Prefeitura, deputados, etc, que poderiam ter dado uma outra conotação política.

M  
V Mas a opção salesiana para o não envolvimento com a política desativou esta organização que com certeza teria uma atuação política na cidade.

M O Projeto Escola-Comunidade Cidade Dom Bosco, que impacto você acha que causou na cidade de Corumbá? Não foi uma tentativa de retorno às fontes do fundador Dom Bosco, pelo Pe. Ernesto Saksida? Ou será que foi uma divisão de classes sociais: um colégio para a elite e outro para os pobres?

V É evidente que a Cidade Dom Bosco abriu espaço para a população marginalizada. É inegável. Abriu uma perspectiva. Foi uma porta aberta para uma população que não teria acesso, por exemplo, a um colégio particular. É evidente que o fato de sua localização, já distante de outros pontos, que permitiu congregar toda aquela população, e a característica marcante do Pe. Saksida da sua opção, pela população marginal, pela pobreza. O tipo de alternativa, inclusive a escola não é apenas um local de ensino, mas ela passa a ser um ponto de referência da comunidade para trabalhos comunitários. Ela

exerce a função de Centro Comunitário. Então, ela não é mais apenas uma porta aberta para os jovens, mas para as famílias destes jovens, um espaço de recuperação. Então, ela faz uma integração social, ela dá uma formação religiosa, ela faz um atendimento assistencial aos marginalizados, na questão da alimentação, da saúde. Ela vai abrangendo estes pontos. A Cidade Dom Bosco canaliza isso. Dificilmente você consegue encontrar, na clientela da Cidade Dom Bosco, filhos da elite. Não me parece ser uma opção para a elite. Os filhos da elite procuram o Santa Teresa que sempre foi um referencial. Ou colégios particulares, ou algum outro instituto. A Cidade Dom Bosco ficou meio estigmatizado em relação a esta questão: um espaço para o pobre, para o marginalizado. Está implícito.

- M O convênio do Colégio Santa Teresa com o Estado, em 1972, foi bom para o povo de Corumbá ou muito bom para a Missão Salesiana?
- V A estrutura do Santa Teresa, como ele foi concebido neste prédio novo está além das condições da época e até de hoje. Você vê aquela estrutura ... É uma estrutura que a cidade quase não comporta em termos de um colégio. Naquela época, mal parece que havia até uma negociação, para compra do prédio pelo Estado, para funcionar a Universidade. Chegou-se a fazer uma negociação neste sentido. Foi abortada porque o Estado preferiu depois construir o próprio prédio. Então, o custo operacional daquele prédio era inviável para a Missão Salesiana, que não tinha mais recursos. Era uma fase de transição, pois coincide com a tal da democratização do ensino. Então aparecem mais escolas do Estado.
- Aquele referencial do Santa Teresa começa a ter competição com o ensino gratuito. A alternativa para os salesianos era tentar manter a escola como um novo parceiro que não seria mais a população, mas o Estado. Só que para mim descaracteriza o ensino dos salesianos. Perderam a identidade, mesmo mantendo a direção, pois sempre há interferência do Estado. Perde a autonomia didática, a autonomia de ensino, etc... o que não acontece com o GENIC das irmãs salesianas.
- O convênio com o Estado é um marco no ensino salesiano são duas fases: antes do convênio e depois do convênio.
- M Para o povo aparentemente foi bom, porque abriu de 393 para quase 4.000 espaços.
- V Para toda a população, o ideal seria estudar no Santa Teresa, que era um ensino de melhor qualidade, o aluno saia promovido na sociedade, porque era um ex-aluno salesiano. As alternativas se abriam mais, Só que se restringia na medida que era pago. A partir do momento que se abriu, evidentemente baixou até a qualidade, mas para a comunidade corumbaense, foi muito bom.
- M Que impacto a Missão causou em Corumbá, em 96 anos de história aqui?
- V Em primeiro lugar a formação de gerações e gerações de corumbaenses. Décadas e décadas de ensino, marcaram gerações. Os salesianos eram referências em termos de ensino: pela qualidade, pela disciplina, uma coisa que eu acho importante. As famílias buscavam especialmente isso, uma formação sólida para que os poucos que conseguissem sair de Corumbá tivessem chance de estudos numa universidade. Sem os salesianos aqui eu não consigo imaginar o tipo de educação formal. Seria realmente uma faixa de fronteira de extrema pobreza cultural.
- M A cultura de fronteira com a Bolívia em que interfere na formação e na educação do povo corumbaense? Como é vista a presença do boliviano em Corumbá?

- V Eu acho que são momentos. Até a vinda da estrada de ferro, as ligações com a Bolívia eram feitas através do Canal do Tamengo\*, não tinha uma ligação mais estreita. Havia evidentemente uma comunidade boliviana, mas muito restrita. A partir da Comissão Mista, já é outro momento que permitiu um fluxo de bolivianos bem novos, através da estrada de ferro e a localização de uma população pobre e que é usada nos trabalhos mais grosseiros. Vai se formando uma mão de obra barata. Me parece que existe de forma velada um certo preconceito quanto ao boliviano. São de certa forma marginalizados. É claro que numa cidade em que é marcada pela pecuária e que a pecuária se considera a elite aristocrática, então vai haver um distanciamento das famílias tradicionais, núcleos de famílias tradicionais e essa mão de obra barata, marginalizada, com pouca formação cultural. Porque, o que vem para cá é justamente essa população que também foi expulsa de seu país, pois que lá não tinham alternativa. Depois, na década de 70, já se constrói a estrada rodoviária, entre Corumbá e Puerto Suárez. É um outro fluxo, é um outro momento, já de uma integração maior: a estrada, a energia elétrica vai de Corumbá para lá, etc, então começa a haver um estreitamento muito grande entre políticos, bolivianos e a comunidade. E essa etapa agora mais recente de rompimento de fronteiras com mercadorias, tendo já presente o espírito do Mercosul, é um outro momento.
- M Com o surgimento de "n" escolas em Corumbá, se o Colégio Santa Teresa desaparecesse, faria ainda falta?
- V Ah! Com certeza. Primeiro, porque há uma questão de honra para a cidade a manutenção do Santa Teresa. Tanto é que todo ano, quando se começa falar que não vai haver mais a renovação do convênio, a cidade se mobiliza, políticos, meios de comunicação, é uma pressão tão grande para que o estado continue a manutenção do Santa Teresa.
- Segundo: apesar de vagas abertas – tem escolas grandes. Vai ter uma grande escola na saída para a Bolívia – eu tenho a impressão que as vagas do Santa Teresa são muito importantes para a cidade.
- Alunos tanto do centro como da periferia, que já tem escolas perto de suas casas, preferem estudar no Santa Teresa. Manter o Santa Teresa é um convênio da cidade. Existe até uma tradição de pai para filho.
- M Que nomes você lembra, que tiveram importância, a nível nacional, estadual, que estudaram junto aos salesianos?
- V Eu lembro do Roberto Campos. Mas acho que não dá para nominar. Todos os políticos daqui da cidade e os que moram em outras cidades e estados passaram pelo Santa Teresa. Ex: as famílias Fragelli etc... todos passaram pelo Santa Teresa, que era o colégio referencial.
- M Se a Cidade Dom Bosco não continuasse o seu projeto, haveria hoje em Corumbá outras instituições que compririam essa missão?
- V Não. Não vejo isso. Vejo até com muita preocupação esta questão, porque eu fiz esta pergunta para você: o que vai acontecer com a Cidade Dom Bosco depois do Pe. Saksida? Então realmente é uma grande preocupação, porque aquilo é um patrimônio extraordinário, é uma cidade dentro da cidade. E ela cumpre dentro da Cidade Dom Bosco um papel que as vezes o Estado não cumpre. Muitas deficiências do Estado são supridas pela própria Cidade Dom Bosco. Então toda aquela comunidade da faixa de

- fronteira, tem como referencial, não só de ensino como também de atividades comunitárias, atividades de lazer, de esporte, religião, atendimento médico, assistencial é na Cidade Dom Bosco. Ela cumpre um papel que seria do próprio Estado. Se houve uma interrupção neste processo, com certeza seria uma perda irreparável, e a cidade de Corumbá, eu entendo que jamais aceitaria isso. É também outra questão: a Cidade Dom Bosco hoje é considerada um patrimônio de todos os corumbaenses. É uma instituição que é defendida por todas as categorias. Interessante isso aí.
- M Para onde caminha Corumbá? Dentro da nova visão de Mercosul, será aqui uma cidade que vai continuar sendo marginalizada, ou será que vai ter alguma chance de resgatar seu papel histórico, que teve no MT e no MS?
- V Não vejo possibilidade de recuperação de Corumbá, enquanto tiver dominada por uma geração de políticos, com visão muito estreita. Eu entendo que Corumbá está sem perspectiva econômica. É uma cidade em crise. É uma cidade que precisa buscar uma alternativa econômica. O comércio não é mais alternativa econômica, pois não dá para competir com os produtos estrangeiros, e isso também é irreversível. O comércio ou é competitivo com os produtos estrangeiros, ou não tem chance.
- A questão industrial aqui é estrangulada pela carência de energia elétrica. Somente com uma possível construção de termoelétrica, baseada no gaseoduto boliviano, é que poderia gerar energia suficiente para industrializar.
- A pecuária de Corumbá é uma pecuária sem alternativas, no Pantanal, porque ela não se modernizou.
- O turismo é um turismo de péssima qualidade e não há investimento na área de turismo, como também não há retorno nenhum para a comunidade desse turismo. É um turismo predatório, que vai com certeza, numa hora entrar em colapso.
- Então o que está faltando é percepção política, visão de futuro. É uma cidade que está num processo de regressão. E se isso acontece, a educação e a cultura também entram nesse processo de regressão. Sou pessimista no atual estágio.
- Os salesianos poderiam ter uma atitude política na formação de uma geração mais voltada para o futuro e que assumisse uma postura realmente não regionalista, mas com uma perspectiva de futuro. Abrir a cidade para o ano 2.000. Nós não estamos nos preparando para isso. Cada vez a administração é mais indolente, provinciana, pobre, que não constrói alternativas.
- Hoje, o jovem em Corumbá, não tem alternativa de trabalho e lazer. Os que podem fazem uma parte do ensino formal aqui e depois procuram um grande centro para continuar seus estudos...
- M Valmir, lhe agradeço por este momento. Foi agradável ouvi-lo e saborear seus conhecimentos e informações sobre Corumbá.
- V O seu trabalho eu já li, tem uma contribuição muito interessante você pesquisar uma área ainda não pesquisada. Eu entendo que este trabalho permitirá uma reflexão do papel dos salesianos aqui na região, a sua atuação, e se realmente estão perdendo o bonde da história. Eles, que tiveram um papel preponderante na cidade, na condução da educação, da cultura, me parece que por timidez ou por falta de condições, ou falta de material humano, isso também a gente sabe que é uma deficiência muito grande. Estão perdendo espaço na cidade.

O que se preserva dos salesianos é a tradição da sua história. A história dos salesianos na região foi tão marcante na sociedade na vida das pessoas, que a própria sociedade não deixa morrer. A própria cidade cobra a todo momento dos salesianos uma atuação que eles já não podem dar. Eu nem sei quantos salesianos estão aqui, mas é um número tão reduzido que não consegue determinar uma presença mais marcante.

M Muito obrigado Dr. Valmir.

## TEREZINHA NOEMIA SANTALUCCI DE CASTRO

Filha do Professor Alexandre de Castro, o "Xandinho"

Ex-professora do Colégio Santa Teresa e do Ginásio Industrial Domingos Sávio

- M Onde nasceu o seu pai?
- T Meu avô era da base naval e veio servir aqui no Ladário. Então aqui foi que ele casou. Minha avó era do Mato Grosso. Meu pai nasceu na base naval do Ladário, pois antigamente os oficiais moravam lá dentro da base. Depois ficou a vida toda aqui. Tinha a avó dele, minha bisavó, pelo lado do papai, ela morava aqui e tinha uma escola. Foi a primeira professora que foi nomeada pelo Estado. O nome dela era Paula Mariana da Cunha e Cruz Castelo Branco. Como ela tinha uma escola aqui, meu pai (seu neto), quando estava em idade escolar, estudou na escola dela. Papai contava que ele vinha toda a semana para Corumbá, de 2ª feira cedo até sábado, ficava com a avó, pois lá no Ladário era longe demais e não tinha condução como tem agora. No sábado voltava para o Ladário. Se encontravam todos os primos. Eram muito unidos. Foi nesta escola da avó que o meu pai estudou o primário.
- M Ele entrou no Colégio Santa Teresa em 1899, na primeira turma, não foi?
- T Foi. Foi o primeiro a ser matriculado no Santa Teresa, isto no primário. A avó dele fazia ele estudar bastante. Mais tarde ele foi o primeiro professor leigo, que não era padre, no Santa Teresa. Ele tinha 18 anos quando o padre abriu o curso e o chamou para lecionar.
- M Os padres tinha uma estima muito grande por ele?
- T Tinham mesmo. ele trabalhava muito, muito pelos padres. Ele tinha loucura pelos padres. Ele foi toda a vida professor no Santa Teresa. Lecionou português e matemática no Ginásio. As únicas escolas que ele falava que tinha em Corumbá eram o colégio das irmãs, o colégio dos padres e o Maria Leite, que eu lecionei. Ele lecionava nas três escolas.
- M Como professor era muito exigente, muito bravo?
- T Era estimado demais. Era manso. Eles tinham loucura pelo meu pai. Eu vi que, quando meu pai faleceu, todos dizem que nunca, nunca viram um enterro assim, como esse.
- M Ele foi enterrado em Corumbá?
- T Está enterrado aqui.
- M Sempre foi muito estimado pelos professores, pelos colegas, pelos alunos. Foi ótimo professor.
- M Ele seguia o Sistema Preventivo Dom Bosco?
- T Ah! Sim! Questão de religião, ele era demais. As vezes ele sentava comigo, ou com uma das minhas irmãs, meus irmãos, ele tinha uma visão sobre religião, uma coisa maravilhosa. Ele soube educar os filhos, todos tementes a Deus. Lembro sempre das palavras dele: "Toda vez que você vai fazer uma coisa, veja qual é o fim".
- M Em quantos irmãos vocês são? Quantos filhos ele teve?
- T Ele teve 8, mas uma morreu pequeninha, aí ficaram 7. São 3 homens, o mais velho já faleceu, foi gerente do Banco do Brasil aqui, depois foi transferido para o Rio de Janeiro, continuou a carreira lá e morreu há uns dois anos atrás (1993). O outro é poeta: Alceste Antônio de Castro, que mora em Campinas. Lá ele é advogado e é poeta.

Escreveu já vários livros. E o terceiro dos rapazes já faleceu também, Era o Epitácio Santalucci de Castro, esse era engenheiro e pintor. Ele ganhou medalha de ouro de pintura numa exposição nacional. Mas pintava muito bem: os quadros dele eram maravilhosos. Ele casou-se com uma campograndense e ela o puxou para lá. Ele fazia muito trabalho em preto e branco. Em Campo Grande, fez várias exposições na cidade. Como engenheiro passava trabalhando fora, fazendo medições, etc, e isso maltratou muito ele.

- M E a sua mãe? Normalmente os grandes homens têm uma grande mulher por trás.
- T Minha mãe sim, minha mãe era maravilhosa. Seu nome era Joana Santalucci de Castro. Família de italianos. Meu avô era engenheiro, veio ao Brasil prestar um serviço ao governo italiano e foi convidado para vir caçar em Mato Grosso. Então ele ficou hospedado num hotel, que era justamente do irmão da minha avó, que casou-se com ele, que também eram italianos. Então eles se conheceram, ele gostou, foi para a Itália, fez o que tinha que fazer e veio. Montou fazenda aqui, ficou bem de vida. Depois morreu assassinado. Minha mãe recebeu uma ótima educação de meus avós, e foi uma grande pessoa. Até nós brincávamos com ela, dizia assim: "Que só tinha um queijo no céu e só iria cortar este queijo o casal que nunca havia brigado. Ela disse que ela e o papai iriam cortar este queijo." Era maravilhosa. Nunca vimos uma discussão deles na presença da gente.
- M A residência do Alexandre e da Joana onde era?
- T É aqui mesmo, aqui perto, onde tem La Pastina, um restaurante aqui perto, na Rua dos Coqueiros. Esta rua é histórica.
- M Na sua opinião que contribuição os salesianos deram para Corumbá?
- T É tudo. Quando eles vieram para cá havia só escolinhas com meia dúzia de alunos. Então na hora que os salesianos chegaram aquilo ali foi uma revolução. Todo mundo procurando os salesianos. Depois, mais tarde, vieram as irmãs, que continuaram com o trabalho da educação aqui em Corumbá. E formaram gerações. Um trabalho maravilhoso.
- M Qual a força dos salesianos em Corumbá?
- T Como o papai conta, para a religião é lógico, com a presença deles ampliou muito. Aqui pode-se dizer é uma Cidade Salesiana. O vigário da catedral é salesiano... os melhores colégios são salesianos. Sem eles, com certeza, Corumbá não seria o que é hoje. A dinâmica que eles imprimiram foi muito grande. Um trabalho enorme.
- M Como foi que colocaram o nome de seu pai, Alexandre de Castro, como primeiro nome da atual cidade Dom Bosco?
- T O Pe. Saksida era muito amigo de papai. Qualquer coisa ele chamava papai. (Papai morreu em 1956). O Pe. Saksida fundou a Associação dos Ex-alunos do Santa Teresa. Trabalhando com os ex-alunos já estava com intenção de fazer alguma coisa. Aí, na reunião eles começaram a discutir o que poderiam fazer. E meu pai deu a idéia de fundarem um escola, garantida pelos ex-alunos. A idéia pegou e começou o processo. Eu só sei que quando ela foi fundada, meu pai já havia falecido; então eles colocaram o nome de meu pai, que tinha sido um professor exemplar e que tinha sugerido a obra junto aos ex-alunos.
- Eu estava presente na fundação. O discurso de inauguração foi feito pelo meu irmão Alceste Antônio de Castro, que morava aqui com sua família e era poeta.

- M O Colégio Santa Teresa sempre foi um colégio de elite?
- T Eu trabalhei no Santa Teresa. Não foi colégio de elite. O Pe. Miguel fundou o Círculo Operário para acolher todos, que era para a pobreza. Tinha médico, tinha dentista, tinha tudo... foi um trabalho maravilhoso.
- Para as meninas fundou o Ginásio Industrial Domingos Sávio. Para prepará-los nas artes e ofícios; tipo cursos profissionalizantes. Tinha corte e costura, bordado, arte culinária, etc...
- A elite estudava no Santa Teresa e a pobreza no Círculo Operário e no domingos Sávio. Um complexo que satisfazia a todos.
- M Que disciplina a senhora lecionava?
- T Português e matemática (igual ao pai). Eu tenho curso de letras. Matemática eu gostava muito, então fiz aquele curso do CADES para ter direito de lecionar matemática no ginásio (...)
- M Que aspectos você destacaria da pessoa do Pe. Ernesto?
- T O Pe. Ernesto confiava muito no meu pai. Não fazia nenhuma reunião que não viesse atrás do meu pai. Uma vez meu pai estava adoentado, mas o Pe. Ernesto pediu que fosse assim mesmo, nem que fosse por 10 minutos. Veio com o carro, pegou o papai e logo depois trouxe o papai.
- M Como a Missão trabalha a presença do boliviano aqui?
- T Sem dúvida nenhuma, na salas todo o ano tem alunos bolivianos. Aprendem o português até mais rápido que os outros. Não existe discriminação de forma alguma. Agora, a nível de cidade sempre existe um pouco. E a rivalidade acontece por causa do comércio.
- M Muito obrigado por sua participação e disponibilidade.
- T Fico muito feliz em poder cooperar com sua obra e agradeço muito aos salesianos. Muito obrigada por ter lembrado de mim.

## EUBÉIA VIEIRA DE ALMEIDA

Professora do CEUC - UFMS

E Fui diretora do Escola da Maçonaria e trabalhei com os maçons durante 22 anos. Assim, quando fui fazer o mestrado, a maçonaria do Rio de Janeiro abriu as portas para mim sobre a maçonaria e a educação. Achei que seria muito difícil mexer em tudo aquilo sozinha. Eu deixei, mas não tirei da minha cabeça. Um dia eu acho que ainda vou fazer. Foi uma das coisas mais importantes que teve no Brasil. Na época do Brasil Colônia e do Brasil Império, a educação nossa era só para a elite. A maçonaria entrou por essa situação. Naquela época, os governantes eram quase todos maçons. Floriano Peixoto, Deodoro da Fonseca, como agora, o governo está pedindo o apoio de quem? dos empresários! Naquela época o governo pediu o apoio da maçonaria que naquela época era uma força. Hoje já não tem mais. Antigamente, a maçonaria abriu uma escola grátis, em cada cidade maior, para o povo.

M Corumbá era uma cidade significativa?

E Era. Naquela época, em 1910, Corumbá, eu diria para você que era a primeira. No Anuário Histórico de Mato Grosso consta que, em 1910, tudo que entrava para Mato Grosso era através do Porto de Corumbá. Tudo que ia para Cuiabá, que era a capital, ia de onde? Não havia estrada. Meu bisavô foi à Guerra do Paraguai e, quando voltou, D.Pedro distribuiu as terras do Estado e meu avô ganhou as terras de Coxim, do Taquari. Então ele mudou com a família. Fomos de carro de boi com toda a família para o sudoeste do Estado, levando gado. Porque ele era dono de engenho em Poconé. Vendeu para o cunhado dele, Antônio Pais de Barros, que foi governador. Vendeu a Usina de Açúcar que tinha muito escravo... Eu ainda conheci escravo da minha família que eles levaram com eles. Três escravos que acompanharam a família, que não ficou. Então eles mudaram para Coxim, depois para Jaraguari, depois para Campo Grande. Meu avô dizia que vinha a cavalo para Corumbá.

Antigamente, não existia Corumbá mas Albuquerque. Lá existiam grandes fazendas com escravos. Lá tinha uma roda que era de bronze, que foi tirada de um engenho de açúcar. Até hoje em Albuquerque tem laranjal do tempo. Como ali era mais difícil o acesso, mudaram, porque aqui era mais fácil, mais perto do rio Paraguai. Hoje Albuquerque é distrito. A primeira casa de Corumbá é aquela que tem na esquina do Porto, do lado de lá, onde tem uma escadinha. Aquilo ali foi o começo de Corumbá. Quer dizer, a cidade era uma cidade em que tudo ficava aqui. Era uma cidade para tudo. Tanto para o comércio do Porto, como para o comércio do Estado, quer dizer, até nacional. Um exemplo que eu vou te dar é o meu avô. Era português. Mudaram de Portugal para o Brasil porque quiseram, acharam, que era bom. Não foi por serem imigrantes. Trouxeram os bens deles e compraram bens em Corumbá.

Minha tia teve um problema de garganta e foi tratar lá. A navegação era normal. Aí houve o assoreamento do rio, porque não cuidaram. Era uma grande hidrovia. Navios da Argentina tinha 4 ou 5 no porto. Não tinha estrada de ferro. A estrada de ferro começou em 1910. Inclusive tem um livro escrito pelo meu pai "Campo Grande de Outrora" que eu acho que vai ser publicado agora. Onde ele conta da primeira locomotiva que chegou

- a Campo Grande e como era Campo Grande antes. Minha família foi muito importante, o primeiro farmacêutico de Campo Grande foi meu tio...
- M Mas volta a falar da maçonaria...
- E Aí, a maçonaria... Não tinha escola aqui. Só tinha uma escola, a do seu Dami. Particular, ele era um professor de S. Paulo. É parente de um cientista falado. Era casado com gente daqui de Corumbá. Ele veio para cá e aqui fundou o primeiro ginásio, que depois passou a ser "Luiz de Albuquerque", onde eu era diretora.
- Em 1970 ela fez 50 anos. 1920 é o ano em que começaram as escolas da maçonaria. No começo era um salão, existe até hoje. Se você quiser pode ir lá ver a escola. Agora tem até a 8ª série. Então era um salão e as salas. Depois eu arrumei com Pedro Pedrossian, quando era diretora, e fizeram um sobrado e ampliaram que tem até ginásio agora. Aí então a maçonaria iniciou aqui em Corumbá e iniciou em Ladário. O nome da escola de Ladário era "Pharol do Norte", escrito com PH ainda. A maçonaria de Ladário é a primeira ou a segunda de Mato Grosso.
- M Quais as pessoas que se destacaram na maçonaria aqui em Corumbá?
- E Aqui em Corumbá, tem todo mundo, quase todo mundo é maçons aqui. A maçonaria antigamente era uma força. Agora caiu um pouco, mas ainda é forte.
- M Sendo a maçonaria tão influente, houve uma resistência para a vinda dos salesianos?
- E Não, o que acontece é que tinha um problema desde aquele conflito que teve no nordeste com a maçonaria, com Dom Vidal... E aí trouxe problema porque tinha padre que era maçon.
- M O Pe. Constantino que era vigário na paróquia de Corumbá era...
- E É, ele era.
- M Ele era amigo dos maçons mas não podia dizer que era...
- E É. Ele era e o de Ladário também era.
- A briga da maçonaria com a Igreja foi que a maçonaria foi criada na época, no movimento da reforma na Europa. Teve época que tinha três Papas, matavam gente. Com a bagunça que estava, a própria igreja fundou a maçonaria. O grupo que era da igreja contra aquilo criou isto que nós temos aí, que é a maçonaria. Nasceu na França, com o lema *Liberté, Egalité, Fraternité*, na revolução francesa. No Brasil, o maior movimento que nós temos é este. como aqui tinha os salesianos, os salesianos eram a força, então abriu uma escola da maçonaria para ver qual seria a reação da igreja. O maçons só pode ser maçons se tiver uma religião, seja ela qual for. O ritual secreto da maçonaria, que é quando a pessoa desce, que eles põem aqueles panos na cabeça, eles descem, toda a maçonaria tem um túnel, você sabe que desce e lá o que tem? Uma caveira e uma Bíblia. Assim que eu vejo falar que é a cerimônia, quer dizer, dali ele nasce, com uma nova idéia. Dentro daquele princípio que tem que atender todos. Tanto que aqui, em Corumbá, a "Velhice Desamparada" existe porque a maçonaria ajuda. O Hospital existiu toda a vida em função da maçonaria.
- M Mas em Corumbá, quem eram os maçons?
- E Olha, vai lá no grande Oriente. Não sei quem que é o venerável agora. Você fala com o venerável, ele vai te mostrar. Lá tem a fotografia dos maçons. Você vai conhecer todos daqui. É uma parede inteirinha...
- M E os salesianos, que importância tivera para Corumbá?

- E Os salesianos foram ... e são até hoje importantes. Apesar de ter mudado muita coisa. Nós temos, por exemplo em Corumbá, o Pe. Ernesto. Ele pode ter milhares de defeitos, vamos dizer, ele tem... eu até tive problema com ele, mas eu sempre ajudei muito. Dei aula de graça para ele. Desculpe a expressão, ele tem 50 caras. Ele te usa enquanto ele precisa, depois não tem reconhecimento. Isso eu disse até para ele. Ele quer o interesse dele. Não interessa o resto. Nem é o interesse da Igreja. Mas ele fez uma grande obra. Em 1972, ele escolheu o Secretário de Educação para ser o paraninfo da escola dele. Mas aí o Secretário não veio e me telefonou de lá que eu tinha que fazer um discurso, isto às 9 horas da manhã, para eu falar às 10 horas da noite, e o tema seria falar sobre ele. Eu sentei e não sabia o que fazer. Olha, eu perdi este discurso, e eu fiz... fiz o Pe. Ernesto chorar. Eu falei sobre a obra do Pe. Ernesto. Falei que ali não tinha que ser "Cidade Dom Bosco", tinha que ser "Cidade Saksida", porque ali ele fez, ele uniu boliviano e brasileiro. Ele fez tudo. Mas, digo para você, não era dentro do espírito de Dom Bosco, era muito diferente. Muito dele. Até hoje ele sai na parada. Ele quase não vai lá, mas ele sai... ele era diretor, agora já aposentou pelo Estado mas continua lá influindo.
- M E Dom Miguel Alagna?
- E Para mim foi o maior. ele fez ali... O que está lá é dele, desde a engenharia foi dele, ele que desenhou...
- M Ele foi criticado pela grandeza da obra.
- E Ele desenhou aquilo. Ele que fez o desenho. Depois alguém assinou por ele. Mas ele que fez. Tirou aquela Igreja antiga, passou pro lado de cá. Eu admirava, ele fez tudo. ele era mais no espírito de Dom Bosco do que Pe. Ernesto.
- M A Cidade Dom Bosco é uma forma dos salesianos admitirem que o Colégio Santa Teresa havia se desviado do Sistema Preventivo Dom Bosco?
- E Não. E eu acho que foi o seguinte: o Pe. Ernesto não tinha condições para se projetar dentro daquele colégio, entendeu? então ele fez aquilo. ele começou fazendo mirim, fazendo aquelas coisas com os ex-alunos, e o Salomão Baruk, o Cássio Leite de Barros, que eram pessoas que tinham projeção, fizeram aquilo com ele.
- Agora o Colégio Santa Teresa foi aqui em Corumbá o esteio da formação do povo corumbaense. A mesma coisa o GENIC, que era um colégio forte.
- M E o convênio do Colégio Santa Teresa com o Estado?
- E Eu que fiz o convênio. Acontece que o colégio Santa Teresa ia fechar. Não tinha aluno que desse para cobrir as despesas. Quem era de lá era o Pe. Pádoa.
- M Benjamin Pádoa.
- E É isso mesmo. E aquela situação! Aí eu fui lá e conversei. A escola que o Pe. Miguel fundou que era "Domingos Sávio" e o Círculo Operário Dom Bosco não tinham condições porque era só aquele lado de lá, e o número de alunos chegava a 2.000. Não dava. Aí então eu falei: vamos fazer uma coisa, nós vamos entrar em convênio com o Estado e vamos ocupar todas as salas. Fizemos funcionar tudo. Então abria luz. Aí veio o chefe da Missão Salesiana na minha casa às 10 horas da noite. A idéia foi minha. De lá nos reunimos e fizemos o convênio. O diretor era o Pádoa. Aí fizemos o mesmo no Pe. Ernesto e no Colégio de Ladário. Aí a maçonaria também entrou em convênio com o Estado. Porque já era estadual, mas tinham problemas. Então entrou em convênio com o de Corumbá e de Ladário. Para o Estado era bom porque não tinha salas. Naquela época

- o Estado pagava o aluguel, de acordo com o número de salas usadas, os professores e os serventes. Depois houve uma mudança. Como custava a receber, você sabe como tudo é demorado, então passou-se a pagar uma taxa para a caixa escolar. Esta caixa escolar era do padre. O Estado não intervinha.
- M Mas não é o Estado que orienta pedagogicamente?
- E Não, mas o padre quer fazer como ele quer. Ele não quer receber nenhuma norma do Estado. Mas ele não pode fazer isso, você entendeu? Ele quer o dinheiro... e ele ainda fala do Estado, tá?
- M Então o convênio foi bom?
- E Naquela ocasião foi a melhor coisa que nós fizemos.
- M O Colégio Santa Teresa passou de 398 alunos para 2.900.
- E Agora tem quatro mil e tantos. Senão estaria vazio.
- M Como o GENIC.
- E É, mas o GENIC esvaziou por causa de uma outra coisa. Porque veio uma freira, vieram umas quatro freiras e quiseram fazer uns moderninhos no colégio que as pessoas não aceitaram. Por exemplo, fecharam a escola de formação do magistério, porque começou a não ir mais ninguém, porque o colégio ficou uma coisa impraticável. Fecharam e ficaram com uma escola de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série e entraram com o construtivismo.
- M Este foi um dos motivos do GENIC esvaziar?
- E Ah, foi... mães começaram a não aceitar certas coisas. Agora largaram ai. Ficou aquilo. Ninguém tem a continuidade. Inclusive eu ia entrar num movimento para pedir para ir aluno para lá, mas em vista da situação que está eu sou contra aplicar construtivismo. Porque um aluno que não tem condições mentais mais ou menos médias não vai aprender. Nós sabemos disso, temos experiência. Então, tem que deixar opcional.
- M A senhora acredita que os salesianos respeitaram a visão cultural do povo daqui ou impuseram uma visão européia e católica?
- E Nunca respeitaram. Os salesianos no Brasil inteiro nunca respeitaram. Em Campo Grande, aqui, em Cuiabá nunca respeitaram ninguém. Era aqui como era. No índio, em tudo. Você vai lá onde está o índio e vê se ele respeitou a filosofia do índio. O próprio Pe. Miguel, o Dom Miguel, você soube que ele teve um problema gravíssimo de doença porque ele foi numa reunião na Holanda e lá ele foi combatido como tirando a cultura do índio, você sabe disso? Procura saber porque foi muito grave. Ele ficou muito chateado. Então, fizeram uma missa de desagravo no Galeão, no Rio de Janeiro. A Aeronáutica fez, porque a Aeronáutica ia com os aviões lá no Amazonas, naquela área e eles deixaram de respeitar toda a cultura indígena. Eu tenho a impressão que eles não estudaram o índio. Só o Anchieta, até hoje que eu li, fez o primeiro vocabulário. Pelo menos, naquele tempo do passado ele foi mais interessado que os de hoje.
- Você sabia que tem ruínas jesuíticas em Campo Grande? E que em Miranda funcionou uma escola do Caraça de Minas?
- Os salesianos, na minha opinião não evoluíram. eles quiseram evoluir, mas não chegaram onde pretendiam.
- M Os salesianos estão deixando Corumbá?
- E É. Padre não tem mais. Quem toma conta do Colégio Santa Teresa é o Alfi. Padre não tem mais. Você vê que a missa de domingo já não tem mais de manhã. Só a tarde. Por falta de padres. Mesmo em Campo Grande. Vamos falar. Quem tem lá? Padre? Freira?

Meia dúzia. Também é mais professor. E eu acho que o próprio número de freiras diminuiu tudo isso. Eles não souberam cativar o pessoal.

M  
E  
Como foi a relação dos salesianos com os políticos locais?

Sempre eles foram do poder, né? Sempre tão com o poder. Nunca são contra, né? Mas esse tempo que houve essa mudada aí eles entraram no PT. Tem umas freiras que foram petista, mas os padres nunca vi falar. Eles não tem uma posição definida. Não são nada. Se tem não fala. Eles falam só, por exemplo, o Pe. Ernesto, ele em poucas palavras ele fala que é contra o rico. Que ele põe na cabeça do aluno que o rico tá... Quer dizer, ele quer falar uma coisa e sai outra. Ele não tem assim ... vamos falar a verdade, os padres deviam ter assim, o padre que trabalha e o padre que fala, os que tem o dom da oratória. Para poder convencer, você não acha? O mal da Igreja tá ai. Para mim era só o Pe. Pedro que sabia falar muito bem, mas ele era político, tanto que ele foi preso, né? Foi proibido um tempo de celebrar missa aqui. Só podia celebrar no Hospital. E era professor de português do CEUC. ele dava latim, mas ele era um número. E ele falava duas vezes, nesta época que eu era agente fui chamada na brigada para falar para ninguém falar isso. Você acha que eu ia mandar nos outros? Eu não tinha nada que ver se falassem que a universidade. Agora ele era. O Pe. Pedro era. Era um homem formidável. Para mim era um dos homens mais inteligentes da Igreja. Era inteligentíssimo. Já o Urbano, tudo podia ser, o Benjamin, tudo podia ser, mas não tinha igual ao Pe. Pedro. O Benjamin era inteligente mas não era tanto como o Pe. Pedro. O Pe. Pedro era o melhor. Ele morreu, mas tentou fundar esta escola aí...

Consegui muito para eles. Conseguí dinheiro do MEC para o Pe. Ernesto. Ele nem estava aqui e eu fiquei três dias trabalhando para ele receber o dinheiro, mas depois ele fez uma sujeira comigo e eu fiz outra com ele. Pão-pão, queijo-queijo.

M  
E  
- Se Pe. Ernesto morrer a Cidade Dom Bosco continua?  
- Se tiver pessoas da cidade interessadas, continua, porque tem as pessoas que ele pôs o espírito para continuar. Mas não sei se os que estão agora farão todo mundo achar a obra dele formidável.  
M  
E  
- Tem os padrinhos do exterior...  
- Pois este é o negócio. Ninguém sabe como é. É muito complicado. Não precisa entender muito não. Mas tem dinheiro vem, né? Tem os padrinhos da Europa, mas não sei donde. Manda fotografar essas oficina que tem aí, quem trouxe foi o Salomão para ele, quando ele era secretário.  
M  
E  
- Salomão Baruk?  
- É, ele que mandou para cá, mas nunca funcionaram. Não teve... Por que aquilo, dentro de um popular podia funcionar. Agora se fizesse uma diretoria de pessoas leigas né? Interessadas, você não acha que podia funcionar? Que contribuiriam. Acho que pode ser. Se entrar mais gente... Não sei. Se ele sair... Mas ele já não está indo lá. Estão levando agora, outros.  
M  
E  
- Em que os salesianos poderiam ter sido melhores em Corumbá?

E  
- Eu acho que os salesianos fecharam muito. Eles davam assim... só quando abriu o Santa Teresa que nós conseguimos fazer isso que o Pe. Miguel fez. Mas antes eles eram fechados. Só dentro de uma classe média não atendia a pobreza. A pobreza era no atendimento paternalista, tá? Mas num atendimento assim cultural, educacional, só

começou com Pe. Miguel. Daí o Pe. Miguel começou a atender a população pobre. O Ernesto lá e o Miguel. Mas antes disto não. Os salesianos muito fechados. Dentro daquela idéia de atender uma classe melhor.

- M - Se o Santa Teresa fechasse haveria outra escolha?
- E - Olha, outras escolas não tem condição de estrutura física. O Estado não tem uma escola que dê cobertura para todos esses alunos que estão. Porque nós ainda temos em Corumbá uns 4.000 alunos sem escola.
- M - Hoje como está a educação em Corumbá?
- E - Olha, acabou os talos dos núcleos e virou uma anarquia. Até os arquivos que tinha uma anarquia. Até os arquivos que tinha, fichários, acabou tudo. A verdade é essa. Em todo o Estado acabou tudo. Esfacelaram. Nomearam só analfabeto para ser o chefe, que não sabe nada. Um bando de gente que... E diretores, com a tal de eleição virou uma baderne. Alfabetização não existe. Aluno vai até o 3º ano não sabe ler, quase, tá feio. No Estado, no Brasil. O professor que era de uma classe média ainda dava uma certa noção. agora popularizou, quem entrou é pobre, ganha pouco, é desajustado. Ele subiu um pouco e então tem que humilhar quem está lá no último você vê que a escola hoje é periférica. Não existe escola de centro. As escolas de centro ainda tem um pouco de classe média, a escola pública. Mas a escola é a escola de periferia, dos conjuntos habitacionais. Que escola é essa? Será que o professor tem que ser o mesmo que nós estamos preparando porque a universidade está preparando para a classe média. A universidade não conhece como é a camada popular, não é a classe popular, e a camada popular.
- M - A universidade está em Corumbá há 25 anos: qual sua contribuição?
- E - Acontece que a universidade preparou melhor o pessoal para assumir. Por que quando eu... Vou te falar a verdade. A criação daqui fui eu... Do CEUC o Pedro Pedrossian disse para mim que nós não tinha professor com formação e precisava formar o centro educacional. Naquela época eu era Delegada de Ensino. Ai o Pedro falou para mim que se eu criasse um instituto superior, se eu conseguisse, ele criava. Se eu conseguisse arrumar tudo. Ele me deu quinze dias e eu fui em todos os lugares e ninguém quis, que era mentira. Eu passei quinze noites sem dormir e fiz e levei para Cuiabá e criou. Depois que nós fizemos tudo ele criou uma comissão e tudo, tudo foi depois. Nós fizemos e ele inaugurou. No Luiz de Albuquerque. Nós fizemos. Não tinha professor. A gente começou. Mas foi difícil. Ai eu reuni. Eu que fui de casa em casa. Foi o começo, foi demais depois entreguei na mão do pessoal para trabalhar. Fui diretora do CEUC, fui do Conselho Universitário, fui do Conselho de Estudo e Pesquisa.
- M - Quais foram os diretores do CEUC?
- E - Aqui foi Dr. Salomão Baruk, Dr. Cândia, Valmir, Cláudio, Gisela, Quintilho,...
- M - Obrigado por sua participação.
- E - Eu que agradeço a oportunidade.

Rua Major Gama 2

**JORGE GOMES FERREIRA**  
Ex Secretário Municipal de Educação

**LENI MARQUES FERREIRA**  
Orientadora Eduacional de Escola Pública  
Rua D. Pedro II, 3.641 - Bairro Populares Novos

- M Quais as contribuições que os salesianos deram para Corumbá? Principalmente o Colégio Santa Teresa, o GENIC e a Cidade Dom Bosco?
- J Eu acredito que a maior contribuição que os salesianos possam ter dado à sociedade corumbaense foi justamente a formação que toda a casa salesiana traz em seu bojo, em sua própria filosofia, e nesse ponto eles foram fundamentais na formação de várias gerações de corumbaenses que passaram por um banco de uma escola salesiana. E eu ressaltaria principalmente o Colégio Santa Teresa e o Colégio Imaculada Conceição, o GENIC e, mais recentemente, a Cidade Dom Bosco, que eu considero talvez um exemplo da Missão Salesiana e do Sistema Preventivo de Dom Bosco, dentro da inspetoria nossa, de Mato Grosso. A Cidade Dom Bosco, hoje representa tudo aquilo que há de mais sagrado e efetivo no exercício do chamado sistema Preventivo de Dom Bosco. A contribuição a todas essas gerações foi exatamente a de ter formado todos os grandes homens de Corumbá, todos aqueles que contribuíram de uma forma ou de outra, do ponto de vista econômico, social e também político na história do Mato Grosso e não só do Mato Grosso do Sul. A Missão Salesiana extrapola a questão do Mato Grosso do Sul, até porque ela foi instalada em Corumbá bem antes de ser dividido o Estado. Então ela contribuiu de forma muito eficaz na formação da elite intelectual, da elite política, enfim de todos os ramos da sociedade corumbaense. Eles foram muito importantes para a nossa comunidade. E hoje ainda o são. Eu diria que as irmãs também fazem um trabalho muito bom.
- M Você estudou no tempo em que era dividido para meninos e meninas?
- J Eu estudei na época em que o Colégio Salesiano Santa Teresa só admitia meninos em seus bancos escolares e as meninas estudavam no GENIC.
- M E a paquera?
- J A paquera era feita na Praça da Independência, que é uma praça comum as duas escolas. A paquera era feita ali, sob o olhar nem sempre complacente dos padres e das freiras salesianas.
- M E hoje, a questão da separação está superada?
- L Sim, hoje as turmas são mistas nos dois colégios. A gente percebe, agora, todo mundo fala em colocar aluno em escola pública e que a gente sempre procura colocar em escola particular. Aqui a gente procura colocar na Escola Santa Teresa ou no GENIC. Justamente pela formação que ainda se transmite nessas escolas. A gente presta atenção e nota uma grande diferença entre aluno da rede pública e alunos da rede particular, alunos dessas escolas, porque a gente percebe a formação, os alunos da Escola Santa Teresa/Dom Bosco, alunos das Escolas Salesianas. Eles ainda tem aquele cunho religioso que eu acho importante na formação da criança. Um valor esplêndido, né? Já na escola pública, como é difícil a gente perceber que alguém tem este sentido de religiosidade ainda.

- M Os salesianos vieram da Europa. vocês percebem que eles respeitam a cultura local, boliviana, ou impõem uma cultura católica e européia?
- J Eu sinto que houve uma mudança de postura dos salesianos da época em que eu fui aluno para os salesianos hoje. Quando eu fui aluno na década de 60, existia uma certa pressão da própria instituição, em termos de valores que não eram bem os nossos, valores de pantaneiros que somos. Mas hoje eles conseguiram absorver esta cultura e respeitam. E principalmente a cultura boliviana. E eu ressalto muito isso na Cidade Dom Bosco. É muito mais fácil de você identificar esse respeito e até o cultivo desses valores. Porque nossos irmãos bolivianos contribuem muito para a formação da cultura corumbaense. E esses valores são muito mais trabalhados hoje na Cidade Dom Bosco que eu, particularmente, eu, Jorge, acho que é uma instituição salesiana com a cara de uma instituição essencialmente salesiana, apesar de ter um convênio com o Governo do Estado, que sempre tenta impor a sua filosofia de trabalho, a sua linha de trabalho. Mas na Cidade Dom Bosco ainda tem esse algo mais que no Santa Teresa, não sei, talvez pela grandiosidade da obra, pelo número excessivo de alunos e, enfim, eu acredito que isso aconteça também no Colégio Dom Bosco, em Campo Grande. Esses valores não são tão ressaltados como no meu entendimento deveriam ser. Porque eu acho que a educação a gente não faz só com conteúdos programáticos previstos numa grade curricular, num currículo ou coisa parecida. A gente faz mais pela formação que nós, pais de alunos de escolas salesianas queremos e por isso colocamos os nossos filhos ali.
- M Você acha que eles são exageradamente católicos ou são abertos a outras visões religiosas?
- J São essencialmente católicos, mas, eles respeitam os conveniados, as escolas conveniadas, no caso, o Santa Teresa e o Dom Bosco. Eles respeitam muito essa diferenciação de religiões.
- M Alunos de outras religiões estudam no Santa Teresa?
- L Pode, pode: lá é livre, desde que haja um respeito pelo regimento que eles cumprem dentro da escola.
- M Conta a história que os salesianos encontravam em Corumbá a resistência de um grupo de anticlericais, no início, que eram os maçons. Ou são os maçons que chegaram num impasse que quase os salesianos foram embora de Corumbá, pela resistência, inclusive ao vestirem-se de padres em blocos carnavalescos, fazendo chacota da Igreja. Hoje a força da maçonaria ainda está presente? Vocês conhecem algum detalhe?
- J Sim, eu acho que do que eu consegui ler desse início do século, eu acho que também um pouco de folclore do povo. Até porque o deboche é uma coisa característica do brasileiro e do corumbaense em especial, porque nós debochamos muito das coisas que devem ser debochadas. Mas a resistência sempre houve historicamente no Brasil. A Igreja teve um período em que brigou muito com a maçonaria e a maçonaria com Igreja. Não foi diferente em Corumbá, no início do século, mas, sobre este ponto de vista eu acho que tem um outro religioso que era e que foi um grande articulador político, que foi frei Mariano de Bagnaia. Ele talvez tenha sido, apesar de aparentemente ser um dos pontos de discordia, ele foi um cara que politicamente gerenciou essa divergência. E, vamos dizer assim, acalmou um pouco os ânimos das duas partes, pois quando os salesianos se instaram definitivamente, a coisa já não era tão complicada, como na época de frei Mariano.

- M Quer dizer que frei Mariano foi alguém capaz de dialogar com os maçons?
- J Ele dialogou com os maçons. Ele brigou também. Mas ele dialogou muito com os maçons.
- M E aquela questão de que frei Mariano amaldiçoou a cidade que passaria de geração para geração essa idéia?
- J Ela passa como lenda! Porque ela carece de verdade. Ela não é verdadeira, muito pelo contrário, frei Mariano deu um exemplo de sabedoria cristã, e especialmente católica. Não só a obra que ele deixou, mas fez questão de acompanhar a evolução dela mesma, depois que ele foi transferido de Corumbá. Isso acho que não faz sentido realmente. Ele foi uma pessoa que amou demasiadamente a Corumbá a sua maneira, é claro, com todos os seus defeitos, mas ele amou e fez questão de continuar acompanhado a sua obra, mesmo quando estava fora.
- M Você conhece alguma coisa da maçonaria aqui?
- L Eu não, nada.
- M Eles ainda tem alguma força política?
- J Hoje ainda tem. Como toda associação. É uma entidade organizada. Sempre tem a sua força política, mas ela não se faz ostensivamente presente. A gente sabe que eles são fundamentais em qualquer processo político, mas eles não deixam transparecer essa pressão.
- M Falando em política, qual é a opção política dos salesianos em Corumbá? Como tem sido a relação da Missão com os políticos locais? Se colocaram a favor do poder constituído ou na oposição? Qual o peso na formação política dos estudantes e dos cidadãos?
- J Os salesianos historicamente, e isso acho que é uma característica dos salesianos, é sempre ter uma mão estendida à oposição e uma outra mão estendida à situação. Eles são importantes sim. A Igreja ainda hoje, em Corumbá, tem um peso decisivo em qualquer processo político, especialmente os salesianos, que têm uma atuação maior com a comunidade, e essa atuação ao longo do tempo, pelo menos do que eu conheço da história de Corumbá, foi uma atuação benéfica para cidade. No momento em que houve a necessidade de virar o arreio contra o regime militar eles estiveram presentes. Claro que nem todos os padres salesianos, mas os que foram designados, eu não sei se foram designados para essa função, desempenharam a contento. Foram muito importantes na formação da consciência corumbaense, sobre as coisas que aconteciam no país e que a gente ficava sabendo.
- M Você estudou no Santa Teresa, nessa época da ditadura militar?
- J No início da ditadura militar, eu estudei no Santa Teresa e em outras casas salesianas também, e desde essa época eles já tentavam formar uma consciência de que o regime militar tinha, vamos dizer assim, seguindo um caminho adverso àquilo que a própria doutrina cristã e especialmente a católica pregava, e pregou em toda a sua história. Eles foram decisivos, eu aprendi muito com os salesianos sobre isso. Eles tiveram uma participação efetiva nesse processo.
- M Mas eles são conhecidos mais como pessoas de situação ou de oposição?
- J É difícil você fazer uma definição dessas, né?
- L É o equilíbrio. Há um equilíbrio aí?
- J Há o equilíbrio.

- M Mas para conseguir as benesses do Estado, tipo convênio? Não é necessário o acerto com os políticos para conseguir verbas, benfeitorias? Ou isso já é uma situação superada?
- J Eu acho que o próprio contexto do momento. A própria comunidade pressiona muito em favor das instituições. E nesse ponto os salesianos são muito beneficiados. Eu citaria o convênio mantido entre o Governo do Estado e o Colégio Santa Teresa. As duas vezes em que a missão disse que deveria acabar com o convênio, a própria comunidade se encarregou, e eles não precisaram fazer os conchavos políticos. A própria comunidade fez esse conchavos. Então eles foram muito beneficiados pela comunidade.
- M Muitos dizer que o Colégio Santa Teresa e o GENIC sempre foram colégios de elites, e a serviço das elites. O que você acha dessa afirmação?
- J Não deixa de ser. Qualquer instituição, seja ela religiosa ou não. Não vamos ser piegas a ponto de acreditar que uma empresa porque uma escola salesiana, ou qualquer que seja a congregação é uma empresa. Pode trabalhar dissociada das elites ou de quem detém o poder econômico. Com os salesianos não foi diferente. Eles souberam manter esse equilíbrio entre o capital e o fim maior da missão.
- M E o Projeto Escola-Comunidade Cidade Dom Bosco, que impacto causou na cidade de Corumbá? Você acha que foi uma tentativa de retorno às fontes do fundador? Ou foi talvez uma divisão de classes sociais: um colégio para a elite e outro para os pobres?
- J Eu acredito que dentro do próprio grupo dos salesianos, e esta é uma definição minha, particular, carece também de uma investigação maior junto à própria missão, que realmente a criação da obra salesiana no Bairro Dom Bosco se deveu exatamente a isso, da necessidade de um retorno ao Próprio Sistema Preventivo de Dom Bosco às suas origens. O Santa Teresa, por sua própria localização geográfica é mais ligado à chamada “elite econômica” de Corumbá. Eu vou dizer elite econômica, porque isso é importante, e o Dom Bosco retrata, a meu ver, hoje ...
- M Só um parêntese; quem é a elite econômica aqui? São comerciantes, fazendeiros?
- J Hoje é muito difícil de você delimitar esse espaço, porque até bem pouco tempo eram os pecuaristas. Hoje nós temos outros grupos econômicos que se fazem presente: os exportadores, que são fundamentais; os comerciantes de um modo geral, né? E a própria Bolívia, que está aqui muito perto e que economicamente é indispensável para sobrevivência de Corumbá. Eu não consigo fazer uma diferenciação e te dizer quem é mais forte hoje, se são os pecuaristas, se os exportadores ou se são os comerciantes. Enfim, é difícil hoje, definir quem tem mais poder de fogo no momento.
- M A Cidade Bom Bosco se tornou uma tentativa de resgatar o sentido salesiano do trabalho?
- J Ah sim, a Cidade Dom Bosco... Acho que não foi só tentativa não. A Cidade Dom Bosco resgatou o objetivo de Dom Bosco. Hoje a gente que é católico, eu gostaria muito que meus filhos pudesse ter a formação que os alunos do Dom Bosco tem. Com certeza representa o que há de mais puro no Sistema Preventivo de Dom Bosco.
- M O convênio do Colégio Santa Teresa com o Estado, em 1972, significou a passagem de 393 alunos para 2.807. Em 1973, 3838, de acordo com os livros do Colégio Santa Teresa. Isto foi bom para o povo de Corumbá? E para a Missão Salesiana? Como se deu este convênio? O Estado assumiu? Os alunos pagavam uma taxa. Este convênio foi bom para quem?

- J - Eu acredito que foi bom para todos. Primeiro, que do ponto de vista administrativo, ele deve ter sido bom para a Missão, senão ela não teria feito o convênio. Para comunidade, foi melhor ainda, porque deu a oportunidade de acesso de um número maior de crianças à escola. Até porque, na época, a cidade não dispunha de um número de vagas, como não dispõe hoje ainda, suficiente para absorver toda a clientela escolar, mas a abertura do Santa Teresa para a comunidade foi muito melhor ainda para a comunidade. Com certeza não deve ter dado prejuízo à missão, senão o convênio não estaria vigorando hoje ainda.
- M Que impacto a missão causou em Corumbá nesses 96 anos de presença aqui?
- J Eu acho que o impacto maior foi exatamente na formação dessas gerações, como eu disse anteriormente. Corumbá é uma cidade que tem hoje uma formação essencialmente católica, e católica vista do ponto de vista salesiano. Nesse ponto eles foram fundamentais. As irmãs salesianas formaram várias gerações de mulheres corumbaense e os padres também.
- M Sem os salesianos Corumbá seria como?
- L Difícil de responder.
- J Eu acredito que seria pior.
- L É...
- J Eu acredito que a Igreja como um todo. No caso nosso é que vieram os salesianos.
- M Se os salesianos saírem de Corumbá hoje, o povo percebe?
- L Percebe e muito, porque eles são importantes na formação de todas as crianças e adolescentes. Acho que seria pior sem eles, no meu ponto de vista. Tem um peso muito grande.
- M A cultura de fronteira com a Bolívia e o contato próximo com a cultura boliviana, no que interfere na formação do povo corumbaense?
- J Acredito que toda a cidade de fronteira tem seus pontos de divergência com os vizinhos. Mas aqui em Corumbá esses pontos de divergências são muito pequenos. Inclusive não chegam a interferir no processo todo. Eu vejo, tenho acompanhado ao longo do tempo, essa convivência benéfica ao longo do tempo, entre o boliviano e o brasileiro. A gente convive de uma forma pacífica, ordeira. A gente troca experiência. A educação de Corumbá deve bastante ao sistema de educação que a Bolívia também adota. A própria metodologia não existe uma diferenciação muito grande nessa parte. Então eles são muito importantes para nós e acredito que nós também sejamos importantes para nossos vizinhos bolivianos.
- M Você que foi secretário de educação aqui, junto com sua esposa, que desafios tem a educação aqui em Corumbá?
- J Desafio que toda cidade brasileira tem. Desafio do número de vagas insuficientes para absorver a demanda. Corumbá é uma cidade que nos últimos anos vem crescendo muito. Nos quatro anos que nós estivemos na Secretaria do Município, praticamente nós triplicamos o número de vagas existentes na rede municipal, e observamos que este processo todo não foi suficiente para absorver o número de alunos que chegam à idade escolar. Eu acho que se faz necessário e urgente, que se faça um levantamento que demonstre a realidade escolar para que se faça um planejamento a longo prazo em termos de educação, que não vai se resolver a curto prazo. Acredito que nos próximos 10/15 anos.

- M Em relação ao Mercosul, qual a expectativa? Vocês recebem apoio do Estado?
- J Sempre foi discriminada pelo Governo Estadual. Nos últimos vinte anos, eu acho que desde que se dividiu o Estado, Corumbá sempre foi relegada à terceiro plano, não é segundo é terceiro plano, dentro da conjuntura política de Mato Grosso do Sul. O Governo do Estado se faz ausente, quer dizer, se faz presente em época de eleição, como sempre fez. E eu digo isso criticando o Dr. Wilson, criticando também o Dr. Pedro, que foi muito mais cruel que o Wilson. O Wilson por inoperância e o Pedro porque além de inoperante, atrapalhou todas as iniciativas que surgiram de Corumbá. Foi maléfico. Até porque a gente nunca dobrou a cabeça para políticos do Estado. Então, sempre se tem essa briga com Mato Grosso do Sul, e eu acho que isso retoma também a um período muito mais antigo, que na época da divisão do Estado, nós corumbaenses, que temos uma formação muito mais cuiabana que do Mato Grosso do Sul, não gostaríamos de ter ficado no Mato Grosso do Sul, e fomos obrigados a ficar no Mato Grosso do Sul, e a aceitar uma cultura do MS que não é a nossa. Quer dizer, o restante do MS é gaúcho, é catarinense e Corumbá é essencialmente cuiabano e boliviano. Isto faz com que as forças políticas daqui até hoje não tenham conseguido conviver pacificamente com o resto do Estado. O político corumbaense está sempre divergindo do Governo do Estado, e isso causa muito mal à comunidade.
- M A missão ajuda nas lutas, nas reivindicações da cidade?
- J A missão eu não diria. Mas a Cidade de Dom Bosco, sim. A Cidade de Dom Bosco extrapola a ação da Missão Salesiana. Nesse ponto a Cidade Dom Bosco é muito importante. O Bairro Dom Bosco, hoje, existe porque existe ali a obra da Missão Salesiana. E todas as benfeitorias que existem na Cidade Dom Bosco se devem basicamente à ação efetiva do Saksida junto à comunidade, pressionando o poder político para resolver os principais problemas daquela região da cidade que não é pequena.
- M E a questão da violência, das drogas? Com a Bolívia tão perto, com o narcotráfico, Corumbá envolvida, a juventude de Corumbá é envolvida pelo narcotráfico? Como é trabalhado isso nas escolas?
- J Infelizmente hoje nós já estamos tendo problemas seríssimos com a droga em Corumbá. Historicamente, Corumbá sempre foi corredor de passagem de droga. Hoje já se pode dizer que é também um centro consumidor da droga. Eu acho que nesse ponto a Missão Salesiana precisa renovar os seus conceitos e o seu trabalho, e fazer um trabalho mais efetivo de prevenção. Acho que a missão está um pouco parada nesse ponto e eu, sinceramente, não sei qual é a ação da Cidade Dom Bosco, mas eu acredito que, pela preocupação que eles tem, hoje, com a comunidade, deve ser um problema marcado dentro do contexto da Cidade Dom Bosco. Na Missão Salesiana, no Santa Teresa isso não é tão ressaltado e no GENIC eu também não tenho conhecimento de um trabalho maior sobre isso. Eu acredito, volto a repetir, que na Cidade Dom Bosco exista um trabalho feito nesse sentido de prevenção.
- M A possível ausência do Pe. Ernesto da Cidade Dom Bosco poderá estagnar a obra?
- J O risco sempre existe. Mas acho que Pe. Ernesto sempre foi um administrador essencialmente eficaz e eficiente e ele deve estar preparando seu sucessor. Deve estar preparando dentro da missão alguém que possa sucedê-lo e continuar essa obra que para nós é muito importante. Talvez a maior obra da Missão Salesiana no Mato Grosso do

Sul, porque atende a uma faixa, a uma comunidade de baixíssima renda. Realmente é um bairro pobre onde 95% dos alunos da Cidade Dom Bosco dependem da missão, além do conhecimento científico que a escola tem a obrigação de passar, a formação que é indispensável e é fundamental para a criança.

- M Você, Leni, que veio de Campo Grande, como vê a educação em Corumbá?
- L Olha, eu vejo a educação bastante forte, quase tudo aqui gira em torno da educação. A gente percebe, ao longo desse tempo que a gente participou de administrações dentro das escolas que existe uma grande diferença na capacidade de um aluno que vem de fora para cá. A gente percebe que são mais fracos, difíceis de se adaptar, não sei se não é também por causa da mudança. Mas até bem pouco tempo a gente percebia isso. Os alunos, acho pelo pouco que o professor hoje percebe, ele até se esforça em trabalhar bem este aluno. Infelizmente ele não é bem reconhecido. A gente percebe também a escassez de professores, a não valorização está fazendo com que os professores saiam em busca de outros campos na rede municipal, hoje, nós temos um grande número de vagas na área de português, matemática, educação física de 5<sup>a</sup> A 8<sup>a</sup>. Não existe professor habilitado porque o pessoal está buscando outros campos na rede estadual. A gente percebe isso também apesar do professor se esforçar, procurar dar uma boa formação para o aluno, que a gente nota a diferença de alunos que vem de outros estados, mas eles, os professores não são valorizados.
- M Você trabalha na Secretaria Municipal de Educação. Existem professores indígenas e pantaneiros atuando nas escolas, ou não?
- L Tem sim. Tem inclusive na zona rural. Aqui foi aberta uma extensão da Escola Polo São Domingos. Lá em Iguatós, na comunidade indígena e quem está ministrando aulas lá é índio. Também a gente tem esse contato, essa troca de experiência com eles. Isso é importante.
- M Existe também um trabalho com os assentamentos. Parece que o Pe. Paschoal fazia um trabalho com os assentados ligado à política municipal de educação. Parece que havia um professor, o Marcos, coordenando este trabalho...
- L Olha, existem extensões dessa escola nos assentamentos Tamarineiro, aqui no Taquaral. Ali tem mas, em virtude de ter muitos alunos, me parece que inclusive agora serão desmembrados. Aqui no assentamento Taquaral tem uma média de 500 alunos, neste Taquaral então, para o próximo ano existe a possibilidade de desmembrar, porque os alunos mesmo da escola Polo São Domingos, são bem menos do que os das extensões. Então, parece que vai haver uma distribuição.
- M O Secretário Municipal e o Prefeito estão empenhados na questão da educação? Como é que está a situação?
- L Olha, a gente percebe que a luta em cima disso daí está sendo muito grande. Escolas estão sendo ampliadas. A Secretaria tem se dedicado para procurar da melhor forma possível, tentando atender todas as necessidades. O Prefeito também. Então a gente percebe que o número de vagas está aumentando. O que está diminuindo é o número de professores para ministrar estas aulas.
- M Que importância tem a UFMS através do CEUC? É um presença que ajuda a mudar a realidade de Corumbá ou tem pouca força de transformação?
- L Ela é uma força que ajuda a transformar e a mudar os rumos da educação. Primeiro, pela própria formação que ele traz aos professores. Tem curso de Pedagogia, Ciências,

- Geografia. Eu acho que a formação do professor, quer queira, quer não, ela interfere na formação do aluno.
- J A Universidade Católica do MS (UCDB) prestou assessoria ao Município, por dois anos, porque nós não conseguimos operacionalizar o processo junto a UFMS. Infelizmente a Universidade, sob meu ponto de vista, tem apenas uma preocupação em diplomar professores, mas não tem uma preocupação em formar professores. Enquanto a Missão Salesiana tem sido muito mais eficaz e eu tenho por experiência própria o trabalho que a Universidade Católica fez com os professores da rede municipal em Corumbá, nos anos de 91 e 92. Só foi possível fazer este trabalho junto aos professores porque a Universidade Católica foi muito mais eficaz e rápida na decisão do que a Universidade Federal. No meu ponto de vista, a Universidade Federal em Corumbá não tem uma preocupação de gerar conhecimento científico e aplicar. Não basta você gerar. Você tem que gerar e aplicar na comunidade. A Universidade Federal, aqui em Corumbá, não tem essa preocupação, infelizmente, e eu digo isso por experiência própria.
- M O curso que você fez na FUCMT, de Pedagogia, te preparou para atuar na área educacional?
- L Tranquilamente. Até hoje, a experiência que eu adquiri no curso me beneficiou ao longo de toda a minha carreira. Graças a Deus, graças a eu ter estudado na FUCMT, e isto eu falo de boca cheia, eu consegui fazer o meu nome profissional aqui e até hoje sou bem requisitada para trabalhar no âmbito de Secretaria, das escolas. Então, acho que o curso trouxe muitos benefícios para mim.
- J Manfroi, antes de encerrar eu gostaria de complementar minha resposta sobre a questão das drogas. O professor Marcos<sup>5</sup> acaba de me informar que este trabalho vem sendo ressaltado muito dentro da Cidade Dom Bosco, através do esporte. Porque eu também acho que o grande canal de prevenção e de combate à droga está no esporte. Porque a criança que pratica esporte, assim como uma criança que pratica música, não tem tempo para entrar para a droga. Então por isso, gostaria de repetir que a Cidade Dom Bosco continua à frente de todos nós. Então o esporte é alguma coisa que tem muita importância dentro da Cidade Dom Bosco.
- M Obrigado pela acolhida e disponibilidade.
- J Esperamos que nosso depoimento possa contribuir com seu trabalho.

---

<sup>5</sup> O Professor Marcos, estava presente no momento da entrevista. Ele atua como professor na cidade Dom Bosco, coordenando a área de Educação Física, Esporte e Lazer.

## PROFESSOR DR. BENJAMIN PÁDOA

Diretor do Colégio Santa Teresa (1967 a 1970) e Ex-Padre Salesiano  
Rua João Pessoa 556 - Campo Grande, MS

- M Benjamin, conta um pouco da sua experiência como diretor do Colégio Santa Teresa.
- B Foram anos marcantes, porque eu recebi missão muito difícil de substituir um padre que era considerado quase insubstituível, o famoso Pe. Miguel Alagna, que acabava de ser nomeado bispo. Isto foi em 1967. Pe. Miguel tinha sido diretor por 20 anos.
- M Já tinha terminado a construção do novo colégio?
- B O colégio estava ainda em construção. Eu construi uma parte. Meus colegas sucessores concluíram. Eu peguei no meio do caminho a construção do grande prédio: aquele que pega a rua 15 de ponta a ponta da quadra. O Pe. Miguel já tinha sido o construtor da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora. Ele foi o grande idealizador da ação social salesiana, de maneira que tem um grande mérito de associar tanto a parte de educação paga, com aquela dos menos favorecidos. A obra salesiana era uma só, então também parte do Colégio Salesiano, seria a obra do Pe. Ernesto Saksida, que também mantinha uma obra paralela muito grande.
- M Foi nesse período ou foi um pouco antes?
- B Ele tinha começado muito antes. Chegando lá eu percebi que Deus, na sua providência, as vezes trabalha com uma coisa tão humana ... há uma espécie de concorrência entre os salesianos. A vontade de um fazer mais do que o outro, fez com que surgissem lá duas grandes obras: o Pe. Ernesto Saksida com a famosa Cidade Dom Bosco que idealizou aquela cidade...e o padre Miguel, no centro de Corumbá, com a Ação Social Salesiana. Então, eu acho que o trabalho do Pe. Ernesto provocou o outro lado, que seria o lado mais rico dos salesianos, tivessem também o cuidado de cuidar dos pobres. Vejo assim, que o carisma salesiano, em Corumbá, foi até bem sucedido, porque Deus escreveu, por meio desta concorrência maravilhosa, e quem saiu ganhando foi a parte mais necessitada da cidade.
- M Eu senti nas entrevistas que o Pe. Saksida construiu com os ex-alunos a Cidade Dom Bosco, um pouco pela divergência de postura do Colégio Santa Teresa, que estava muito voltado à elite. Você acha que é verdade?
- B Penso que isso foi mais um pretexto; graças a Deus, tinha um salesiano que queria trabalhar realmente com os mais pobres. Se não houvesse essa vontade de trabalhar também, os salesianos estavam com esse *modus vivendi* em vários colégios da Inspetoria.
- M Mas a ação social que foi feita junto ao Colégio Santa Teresa, essa obra não foi uma forma de disfarçar a preferência que os salesianos deram sempre à elite, durante 50 anos? Não foi para encher a casa?
- B Talvez! Quando eu cheguei estava já com a coisa feita. Então a ação social salesiana tem na realidade, no centro, uma justificativa. Mas preste bem atenção a este detalhe histórico irreversível: Os salesianos, desde que chegaram ao Brasil, chamados pelo Bispo do Rio de Janeiro, vieram para trabalhar em colégios, para formar a classe média que viria depois a beneficiar o pobre. E, aí, ficamos na classe média e até rica. Dom Bosco, vivo ainda, recebeu o convite do Bispo Dom Lacerda, do Rio de Janeiro, para que enviasse os salesianos ao Brasil, pois o Brasil estava numa fase de educação

(como até hoje) muito atrasada. Então nós precisávamos educar a classe média. Aquela que amanhã viria a formar os dirigentes do país, para que estes dirigentes, então, tivessem olhos para a classe humilde. Essa seria a finalidade. E os salesianos, ao invés de absorver só os absolutamente pobres, também absorveram a educação de pessoas um pouco mais bem de vida. Nunca os muito ricos. E, por causa de uma educação especial, os ricos vieram avançando nos Colégios Salesianos, porque eram os que davam melhor educação.

- M Foi por isso que em 1899, quando chegaram em Corumbá, eles aceitaram trabalhar com a elite?
- B Exatamente, com a elite de lá. Sempre com a vontade de, trabalhando com a elite, preparar as pessoas que amanhã fizessem o bem à toda a população. Então os salesianos sempre se gloriaram, se vangloriaram de ter formado os políticos, os governantes etc. Agora, até que ponto conseguiram transmitir a ética, aquele espírito cristão que deveria depois se desenvolver de maneira a beneficiar os pobres, só a história é que pode dizer.
- M Poderíamos dizer que a vinda dos salesianos em Corumbá acabou dando uma grande contribuição para a formação da elite?
- B Sem dúvida nenhuma. Tanto em Campo Grande, em Cuiabá e todo o Mato Grosso, todos os filhos da elite começavam seus estudos nos colégios salesianos. Porque aqui praticamente eram os salesianos que tomavam conta de toda a cultura do 1º grau e, mais tarde, também do 2º grau.
- M Junto à elite de Corumbá tinha um bom número de maçons. Você chegou a sentir esta força anticlerical?
- B No meu tempo já estava diluída (...) A maçonaria, após 1950, já não tinha mais aquela força e nem aquela violência anticlerical. E muitos maçons, na realidade, eram católicos, pessoas muito bem intencionadas, gente que fazia a caridade, desejosos de fazer o bem, muitos inclusive freqüentavam a Igreja e diziam: a excomunhão não me pega. Enfim, eram maçons e católicos ao mesmo tempo.
- M Qual foi a postura política dos salesianos em Corumbá?
- B Olha, a linha de Dom Bosco, é que a política dos salesianos deveria ser a política do Pai Nossa, ou seja, o bom salesiano não deveria jamais se envolver em política. Deveria ser, digamos, um bom diplomata. Nunca tomar partido. Claro que, quando a política fere altamente os direitos dos pobres o missionário salesiano deve apontar estas falhas humanas, mas sem conotação de política partidária.
- M Em Corumbá, os salesianos seguiram o critério de Dom Bosco?
- B Na maioria sim. No início deste século os salesianos eram todos estrangeiros. Então até por motivos de prudência eles não deviam se meter em política.
- M Mas ficar distante da política não significa apoiar a situação normalmente?
- B É, pode acontecer. De certo modo, não participando da política, ficavam resguardados contra a maçonaria que dominava. E ao mesmo tempo procuravam sempre, e isto você vê pelas obras do Pe. Ernesto Saksida e o do Pe. Miguel Alagna, estar bem com os políticos para conseguir benefícios. Agora, um ou outro tomava partido, mas de maneira geral, seguem a linha de Dom Bosco.
- M O que se percebe na análise do Pe. Saksida é que os políticos lá sempre foram muito homenageados, recebidos com festa e galhardia, por um objetivo mais financeiro. Estou enganado?

- B Não. É isso mesmo! O Objetivo é financeiro, para conseguir benefícios. O Pe. Ernesto, neste ponto, foi muito diplomata, muito hábil. Corumbá, uma cidade no limite do Brasil, bastante fechada e formada por famílias tradicionais. Estas famílias queriam ser citadas e anunciadas, como benfeitoras, valorizadas, etc, era tudo para elas. Então usava-se esta estratégia de bajular os ricos para ajudar os pobres. E Corumbá era uma cidade muito rica: os fazendeiros, o porto, etc. A maçonaria de Corumbá foi uma das mais fortes do Brasil. O dinheiro circulava fácil.
- M O Pe. Ernesto criou um clube feminino?
- B As mulheres da alta sociedade, muitas delas esposas de maçons. Com aquilo ele conseguiu muito, fazia festas, falava, as chamava de benfeitoras, etc, conseguindo muito dinheiro para ampliar e manter a obra. Quando na cidade não encontra mais muito apoio, ele parte para a ajuda externa. Tanto que até hoje, o Pe. Saksida só escreve cartas para o exterior e recebe chequinhos de dólares, doações para manter a obra. Mas a glorificação dos poderosos é uma estratégia para não perder a fonte financeira, a ajuda dos poderosos.
- M O que me intriga é que o Pe. Ernesto fica mais nos efeitos do que nas causas sociais. Por que não usa sua força para transformar a sociedade ou mesmo o bairro Dom Bosco?
- B O problema é esse: o Pe. Ernesto vai jogando nos pobres uma gratidão que se transforma em votos, e portanto, toda esta ajuda acaba não sendo uma ajuda cristã, com intenções profundas, corretas. Não sei até que ponto o Pe. Ernesto e os salesianos conseguirão pegar esses pobres e elevá-los socialmente ou torná-los líderes, que vão lutar pelos seus irmãos. São iniciativas que ajudam o pobre a sublimar, a sobreviver e a ter um pouco de cultura. Eles, com seu trabalho, não conseguiram criar líderes, para devagarinho usarem melhor o poder, ser fermento na massa.
- M Você acredita que o Sistema Preventivo Dom Bosco esteve presente no seu tempo, ele é coluna vertebral tanto do Santa Teresa, como da Cidade dom Bosco?
- B O Sistema Preventivo é bastante difícil de ser transmitido a leigos. Mas eles pegam alguma coisa. Houve uma época no Brasil em que os colégios salesianos eram pequenos, então observava-se mais a qualidade dos alunos, porém perdia uma grande massa. Depois eles se dedicaram à massa e perderam a qualidade. Quando os colégios eram menores, o Sistema Preventivo Dom Bosco funcionava muito melhor. À medida que os salesianos vão diminuindo, os colégios vão se abrindo e se tornam pequenos ou grandes empresas educacionais, ai o Sistema Preventivo vai diluindo. Os pensamentos ficam, mas a prática é contraditória.
- M Das pessoas que eu entrevistei: professores, administrativos, auxiliares ... todos tem consciência do sistema preventivo e todos sabem o que é ...
- B E sabem quais são os salesianos que o praticam...
- M Exatamente, Porque o Sistema Preventivo é transparente. Se você perguntar para eles: quais os salesianos que te marcaram? Dizem: foi fulano, fulano e ciclano, porque esses seguiam o Sistema Preventivo, o espírito de Dom Bosco.
- B O forte de Dom Bosco, da educação de Dom Bosco é o Sistema Preventivo. E com certeza dá de dez a zero em qualquer pedagogia moderna, porque ele é evangélico, é o

- evangelho na educação. É o amor na educação. E os salesianos que realmente vivem Dom Bosco, marcam imediatamente o ambiente onde se encontram.
- M Isto é a essência do sistema?
- B É fantástico! O sistema Preventivo é infalível. Você deve ser bom na sala, na cátedra, mas muito irmão no pátio. Os educandos devem perceber o seguinte: que você quer o bem deles. Se você é amigo no pátio, na sala eles também vão te respeitar. Como toda a pedagogia moderna, fala em motivação, o que é? É fazer o aluno gostar do professor, para que ele goste também da matéria que o professor está dando.
- M Em 1972, o Santa Teresa foi conveniado com o Estado. Esta transição foi prejudicial para viver o espírito salesiano?
- B No meu tempo só era conveniado a Ação Social, tanto que eu fui diretor da Ação Social pelo Estado. E o colégio particular era pago. Eu fui diretor dos dois. Mas o pessoal sabia. Eu tinha essa fama: mesmo na parte paga, jamais um aluno meu deixou de estudar por falta de dinheiro. Porque isso para o Dom Bosco era fundamental. E para os salesianos mais antigos era sagrado, mesmo que ficasse no vermelho, que emprestasse dinheiro, sempre se dava um jeito. Claro, nós não éramos ainda empresa. Em compensação, na Ação Social, onde o ensino era gratuito, eu botei um taxa de Cr\$5,00 (como cinco reais), e falei: quem não tiver 5 cruzeiros (dólares) por mês, para educar seu filho, mesmo sendo pobre, então ele precisa dos cinco reais. Mas deu certo, pois com os 5 dólares de mais de 2.000 alunos, fizemos a piscina e tantas benfeitorias para os pobres, etc... Comprei a fazenda Bandalta para os filhos dos peões e capatazes das fazendas. Um projeto que não deu certo, mas um espaço que está sendo muito útil para encontros,退iros, jornadas de formação.
- M Como surgiu este projeto de uma escola para os filhos dos capatazes e peões das fazendas?
- B Foi o filho do Dr. Fernando de Barros, que mais tarde foi o último governador do Mato Grosso unido: Cássio Leite de Barros, ele morava em Corumbá, mas nascido em Livramento/RS. Um dia, ele chegou para mim e disse: "Dinheiro na tua mão é bem administrado, pega aqui 50 milhões para fazer tal obra assim, assim ..." Nós cremos na vossa mão de obra. Vamos beneficiar também o pessoal das fazendas, não só o pessoal da cidade. Eu peguei o dinheiro, construi ... o projeto não serviu para aquele objetivo, mas para muitos outros também valiosos. Foi uma obra importante. Está lá até hoje, quase 30 anos depois.
- M O que significou o convênio com o Estado? Você ainda não comentou.
- B Foi uma socialização maior. O governo e os salesianos deram oportunidade a mais alunos carente a estudarem. Não sei qual foi o resultado, porque depois eu saí de lá, mas a intenção era boa. O governo não tinha prédio, mas tinha vagas, e o colégio Santa Teresa estava com 65% ocioso. Uniu duas necessidade e resolveram a situação. Bom para as três partes: para os salesianos endividados, para o povo, para o Estado, que serviu o povo.
- M É verdade: de 398 alunos, foi para 3.800.
- B Eu já tinha dito ao governador Pedrossian: tenho 1.500 vagas, vamos fazer um convênio? o Estado me paga 1.500 bolsas e está resolvido. A solução foi amadurecendo. A salesianidade ficou um pouco comprometida pois o Estado impõe princípios didáticos e

metodológicos, mas os salesianos tinham o material humano mais farto, os pobres. Para aplicar o Sistema Preventivo.

- M Que contribuição os salesianos deixaram para Corumbá nestes quase cem anos?
- B A avaliação é muito difícil, porque a avaliação está dentro do espírito humano da pessoa, dentro da valorização da pessoa humana. De que adianta dizer: fulano de tal (prefeito, deputado, juiz, etc) foi nosso aluno, se depois você tem que dizer que fulano de tal foi nosso aluno e é ladrão. Não há um efeito infalível na educação salesiana.
- M Quais os impactos mais evidentes?
- B O serviço prestado à educação e à Igreja. Há, principalmente, a religião na educação, que é parte fundamental no sistema Preventivo. Significou muita conquista no campo humano, que é difícil avaliar o impacto.
- M Eu reparo que não se usa o castigo como forma de educar, porque?
- B O castigo é antisalesiano. Para Dom Bosco, o castigo é símbolo de que a educação fracassou. Há formas de corrigir muito mais fortes que o castigo. "Se o aluno te ama, um olhar triste é como um tapa na cara". Fazer o aluno dar-se conta de que está errado. Criar consciência.
- M O que não está bom hoje entre os salesianos?
- B A falta de testemunho. O jovem sente-se cativado pelo testemunho. Se ele não vê isso, não o segue. É por isso que as casas salesianas estão cada vez mais vazias. Se você não vive o Sistema Preventivo, não consegue aplicá-lo, pois ele exige amor e doação.
- M Porque os salesianos perderam a força que tinham em Corumbá?
- B Pelo seguinte: a escola cresceu muito, os salesianos diminuíram. Os salesianos jovens, sem nenhuma crítica, não tem a carga que nós velhos tivemos, ainda, de Dom Bosco, da fonte. A bateria estava carregada.
- M Mas eu quero agradecer a sua participação Benjamin, e dizer que de fato foi uma satisfação muito grande poder te colocar neste trabalho, poder registrar tua experiência.
- B Eu que agradeço, Manfroi.

## Relação dos primeiros setenta alunos matriculados em 1961 na Cidade Dom Bosco

Luiz Carlos da Mata	Darcy Ferrera da Costa	Jayme Pereira da Mata
Carlindo Antunes da Mata	Lucinda Ferreira da Costa	Irenice da Guia Ibrahim
Anadir Gomes Monteiro	Neiva Gomes Monteiro	Luci Gomes Monteiro
Vanir Gomes Monteiro	Benedita Gomes de Campos	Marilene Rodngues
Jorge Luís Rodrigues	José Francisco Ferreira da Costa	Fermina Ruiz
Ramão Ruiz	Arinel Maria Viégas de Pinho	Antônio Viégas Filho
Alfredo da Silva	Olga Bernarda da Silva	Maria Lacilde da Silva
Nildo Pereira da Silva	Adelina Ferreira da Silva	Ildes Monteiro Lopes
Marilene Ribeiro	Maria das Graças de Oliveira	Leonice Gonçalves
Ederaldo Costa	Vítor Pessoa	Marillda Costa
Jurandir Mancilha França	Avernildo Marques Braga	Armando Braga
Eugenio Conceição	Waldemar Ferreira da Costa	João Ver. da Conceição
Maira Eunice da Conceição	Alzeninha da Conceição	Maria Bras. da Conceição
José da Silva Costa	Joselina Domingas de Arruda	Nilce Maria Ramalho
Cacilda Jesus de Moraes	Ivandir Ribeiro	Eranil de Jesus Martins
Enedir Aparecida Martins	Elenir de Jesus Martins	Maria José Nunes
Benedito Rodrigues	Helena Ortiz Corrêa	Gregório Corrêa
Maria de Lourdes	Luiz Francisco	Antônio Siqueira Pereira
Jurandir Mancilha França	Lourdes Esquer de Sousa	Antônio de Jesus Moraes
Pedro de Jesus de Moraes	Jorge Jesus de Moraes	Dirceu Jesus de Moraes
Maria Rodrigues	Ivanir Ribeiro	Miriam Maria da Silva
Orlando Cruz da Silva	Sonia Mana Colman de Azevedo	Thomas de Aquino de Jesus

José Camilo de Jesus

Sidney Ramiro

Maria Ledir Rodrigues

Denilson

**PERSONALIDADES CONVIDADAS NA  
CIDADE DOM BOSCO  
PARA SOLENIDADES DE FORMATURA**

ANO	PERSONALIDADE	CARGO	HOMENAGEM
1972	Profº. Joaquim Soares	Secret. de Educação do MT	Paraninfo
1974	Acyr Pesina Lima	Prefeito Municipal	Patrono
1976	S. Paulino Lopes da Costa	Ex-senador da República	Paraninfo
1978	Dr. Salomão Baruk	Secret. de Educação MS	Patrono
1978	Dr. Cassio Leite de Barros	Presidente do Estado do MS	Paraninfo
1981	Prof. Marina Serrano	Secret. Educação do MS	Paraninfo
1982	Sr. Cláudio Dichoff	Ex-aluno e benfeitor	Patrono
1983	Dr. Elísio Mignois Curvo	Ex-aluno e benfeitor	Paraninfo
1983	Profª Terezinha Baruk	Ex-aluna e agente Est.de Ens.	Madrinha
1984	Dr. Fadah Scaff Garttass	Ex. Secret. de Educ. do MT.	Paraninfo
1986	Dr. Jorge K. Bornhausen	Ministro da Educação	Paraninfo



INFORMAÇÃO Nº: 0193/82

Em: 11.01.82

208

ASSUNTO : Projeto Pioneiro - Escola-Comunidade "Cidade Dom Bosco"

INTERESSADOS : ARE DE CORUMBÁ  
Escola Estadual de 1º e 2º Graus "Dom Bosco"

DA : SE/CGVERF/Diretoria de Vida Escolar

A : Exma. Sra. Marisa Serrano Ferzeli  
DD. Secretaria de Estado de Educação

Excelentíssima Senhora,

As informações e os documentos contidos nos au  
tos do presente processo refletem, não simplesmente, um projeto  
e, sim um conjunto de atividades e experiências desenvolvidas na  
vinte anos.

O projeto ora apresentado é a concretização das  
palavras esquecidas e desvalorizadas existentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71, na qual situa a Co  
munidade e a família como partes indispensáveis à Educação.

Observamos a implementação de fortes mecanismos  
da ação comunitária para melhor desenvolver o processo ensino-  
aprendizagem.

Tal iniciativa, apresentada pela Direção da Es  
cola Estadual de 1º e 2º Graus "Dom Bosco", deve ser valorizada e  
incrementada com recursos humanos e materiais, de maneira tal que  
possamos promovê-la e estimulá-la de forma a servir de exemplo pa  
ra outras Escolas.

Somos de parecer favorável à implementação do  
Projeto Pioneiro: Escola-Comunidade "Cidade Dom Bosco" e que o  
mesmo seja encaminhado ao Conselho Estadual de Educação para apre  
ciação.

Atenciosamente,

  
Joaquim Ferreira da Silva  
Pelo Serviço de Autorização e  
Reconhecimento Escolar

De acordo com a Informação.

VISTO:

  
Prof. Orivaldo Lachi  
Prof. Heitor Ruyero Marques

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Sérgio et alii. O público e o privado na educação brasileira contemporânea. *Caderno Cedes*, São Paulo, nº 25, 1991.
- AEC DO BRASIL. *Documentos da Igreja sobre educação*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.
- : *Educação religiosa e opção pelos pobres: desafios e prospectivas*. Brasília, DF, ano 13, nº 51, 1984.
- : *Educação, sociedade e participação*. Brasília, DF, ano 15, nº 59, 1986.
- : *Educar-se para a cidadania*. Brasília, DF, ano 14, nº 56, 1985.
- ALLESSI, A. et alii. *Missal quotidiano da assembléia cristã*. Brasília: 1984.
- ALVES, Gilberto Luiz. *Educação e história em Mato Grosso*. Campo Grande: UFMS, 1984.
- : *O pensamento burguês e o plano de estudos do seminário de Olinda (1800-1836)*. Campo Grande, UFMS, 1994.
- AQUINO, Rubem Santos Leal de et alii. *História das sociedades modernas às sociedades atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1990. 2v.
- AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- AZZI, Riolando. *A vida religiosa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1983, 1v.
- : *O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX*. In Revista eclesiática brasileira. Petrópolis: Vozes, nº 34, p. 135, setembro 1974.
- : *Os salesianos no Brasil: À luz da história*. São Paulo: Salesiana, 1983.
- BIANCO, Enzo. *Educar hoje como Dom Bosco educava?*: Um desafio no centenário do Santo dos Jovens. São Paulo: Salesiana, 1987.
- BOSCO, Dom João. *Sistema Preventivo na educação da juventude*. Escritos. Turim, 1865.
- : *Carta de Roma*. Escritos. Turim: 1865.
- BOSCO, Terésio. *Dom Bosco: Pequena biografia*. 7 ed. São Paulo: Salesiana, 1987, Coleção Heróis nº 1.
- : *Dom Bosco: Uma biografia nova*. Trad. Hilário Passero. São Paulo: Salesiana, 1993.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

- BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. *Educação e cidadania: Quem educa o cidadão?* São Paulo: Cortez, 1987. Co. Polêmicas nº 23.
- BUHLMANN, Walbert. *O 3º Mundo e a 3ª igreja: Uma análise do presente e do futuro da Igreja.* 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1975.
- CASALI, Alípio. *Elite intelectual e restauração da Igreja.* Petrópolis: Vozes, 1995.
- CATÃO, Francisco; VILELA, Magno. *O monopólio do sagrado.* São Paulo: Best Seller, 1994.
- CERIA, E. *Annuali della societá salesiana (1841-1888).* Turim: Salesiana, 1941.
- CIDADE DOM BOSCO E JUIZADO DE MENORES DE CORUMBÁ. *Projeto menino de rua: Conclusões e propostas do grupos de trabalho.* São Paulo: Valentim, 1988.
- CURY, Carlos Roberto Jamil et alii. *Escola pública x escola particular: A democratização do ensino.* São Paulo: Cortez, 1985.
- DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo.* 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977
- DOCUMENTOS CAPITULARES: 23º capítulo geral dos salesianos de Dom Bosco - (Roma 4.3. a 5.5.1990). *Educar os jovens na fé.* São Paulo: Salesiana, 1990. p. 160
- DOUTO, Francoise. *O evangelho à luz da psicanálise.* Rio de Janeiro: Imago 1981, Livro 2.
- DOURURE, João Baptista. *Dom Bosco em Mato Grosso: Missão Salesiana 1894-1904.* Cuiabá: Salesiana, 1977.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder.* 5 ed. Porto Alegre, RS: Globo, 1979, 2v.
- FAUSTO, Bóris (org.). *História geral da civilização brasileira: 1889-1930.* São Paulo: Difel, 1977. Tomo III, 2v.
- FERREIRA, Antônio da Silva. *Uma administração humana para novas escolas.* 2 ed. São Paulo: Salesiana, 1966.
- FREIRE, Paulo. *Las iglesias, la educación y el proceso de liberación humana en la historia.* Buenos Aires: La Aurora, 1975.
- FURTH, Hans G. *Piaget na sala de aula.* Rio de Janeiro: Forense, 1970.
- GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: Introdução à pedagogia do conflito.* São Paulo: Cortez, 1980.
- GENTILI, Pablo A. A.; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas.* Petrópolis: Vozes, 1944.

- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4 ed. Rio de Janeiro: Brasileira, 1982.
- GRIGULÉVICH, J. *La Iglesia Católica y el movimiento de liberación en América Latina*. Moscou: Progreso, 1984,
- HAUCK, João Fagundes et alii. *História da Igreja no Brasil*: Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1980, Tomo II.
- HILLAL, Josephina. *Relação professor-aluno*: Formação do homem consciente. São Paulo: Paulinas, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História geral da civilização brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977, 9 v.
- HOORNAERT, Eduardo et alii. *História da Igreja no Brasil*: Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1977 Tomo II. Primeira Época.
- HOURE, F. de. *Pedagogo y pedagogia del catolicismo*. Madrid: Fax, 1945.
- LEMBO, John M. *Porque falham os professores*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975.
- LEMOYNE - AMADEI - CERIA - FOGLIO. *Memorie biografique di Don Bosco*. 20 v. (1898-1948). Turim: 1949. 13v.
- LEMOYNE, G. B. *Vita di Don Bosco*. Turim: 1911-1913. 2v.
- LENTILI, Pablo A. A.; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. Petrópolis: Vozes, 1944.
- LIMA, Fátima Garcia. *Levantamento estatístico do ensino no Colégio Santa Teresa de 1899 a 1997*. Cuiabá: 1977. Apostilado.
- MANACORDA, Mário Alighiero. *História da educação da antiguidade aos nossos dias*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARCIGAGLIA, Pe. Luiz. *Os salesianos no Brasil*: Ensaio de crônica dos segundos vinte anos da obra de Dom Bosco no Brasil (1904-1923). São Paulo: Salesiana, 1958, 2v.
- MARCÍLIO, Humberto. *História do ensino em Mato Grosso*. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, 1963.
- MARIA, Júlio. *O catolicismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1970.
- MARTINS, Carlos Benedito. *Ensino pago*: Um retrato sem retoques. 2ed. São Paulo: Cortez, 1988.

- MARTINS, Marília Eliana. *Mato Grosso do Sul: Informações básicas*. Campo Grande, MS : OEST/SEPLAN, 1993.
- MOSQUERA, Juan. *O professor como pessoa*. 2 ed. Porto Alegre, RS: Salesiana, 1976.
- PIAGET, Jean. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- PROENÇA, Augusto César. *Pantanal : Gente, tradição e história*. Campo Grande, MS: UFMS, 1992.
- RANGEL, Mary. *Representações e reflexões sobre o bom professor*. Petrópolis: vozes, 1944.
- SÁ, Elisabeth Schneider de et alii. *Manual de normalização de trabalhos técnicos, científicos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SAKSIDA, Pe. Ernesto et alii. *Cidade Dom Bosco (1961-1976): Escola estadual de 1º grau Dom Bosco*. Corumbá: Salesiana, 1976.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez. 1987. Col. Polêmicas nº 5.
- SCARAMUSSA, Tarcísio. *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: Um estilo de Educação*. São Paulo : Dom Bosco, 1977.
- SILVA, Carlos Leônco da. *Cinco lustros da missão salesiana de Mato Grosso*. Cuiabá: Salesiana, 1935 (Arquivo Salesiano de Cuiabá).
- SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*. Campo Grande, MS: UFMS, 1960.
- STELLA, Pedro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Zurique, 1968, 1v.
- VÁRIOS. *O profeta do pantanal*. São Paulo: Salesiana, 1988.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. *Disciplina : Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Liberdade, 1993.